

Ana Soraia Ramalho Coelho

Relações Retóricas e Temporais no Texto

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora
Doutora Fátima Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2015

Relações Retóricas e Temporais no Texto

Ana Soraia Ramalho Coelho

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Linguística orientada pela Professora
Doutora Fátima Oliveira

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Maria Brito
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Fátima Oliveira
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Purificação Silvano
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida:

Versão definitiva

Sumário

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Índice de tabelas.....	vi
Introdução.....	1
1. Capítulo 1 – Aspeto.....	3
1.1 Vendler (1957).....	3
1.2 Dowty (1979).....	5
1.3 Moens e Steedman(1988).....	11
1.4 Cunha (1998).....	14
2. Capítulo 2 - Tempo.....	17
2.1 O tempo, categoria linguística.....	18
2.1.1 Teorias sobre o tempo.....	19
2.1.1.1 Reichenbach (1947).....	19
2.1.1.2 Comrie (1985).....	21
2.1.1.3 Declerck (1991).....	22
2.1.1.4 Kamp e Reyle (1993).....	25
3. Capítulo 3 - Sequência de tempos e relações temporais.....	29
3.1 Reichenbach (1947).....	30
3.2 Declerck (1991).....	32
3.3 Kamp e Reyle (1993).....	34
4. Capítulo 4 - Relações retóricas e aplicação a um texto.....	38
4.1 Relações retóricas.....	38
4.1.1 Hobbs (1985).....	39
4.1.2 Mann e Thompson (1987).....	46
4.1.3 Asher e Lascarides (2003).....	57
4.1.4 Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010).....	68
4.2 Análise de fragmentos do conto 'Melchior'.....	70

4.2.1 O objeto de estudo e proposta de análise.....	70
4.2.2 A análise de fragmentos textuais do conto 'Melchior'.....	71
Conclusões.....	80
Referências bibliográficas	84
Anexos.....	86
Anexo 1.....	87

Agradecimentos

Este projeto não teria sido possível sem o contributo de algumas pessoas muito especiais e queridas. Primeiro, quero agradecer à minha orientadora Professora Doutora Fátima Oliveira por me ter introduzido no mundo fascinante que é a Semântica. Muito obrigada, também, por todo o apoio que me prestou, não só no ano da dissertação mas também ao longo dos meus cinco anos académicos. Quero mostrar, igualmente, a minha gratidão a todos os professores de Linguística, pois contribuíram para que o meu fascínio por Linguística aumentasse cada vez mais.

Um grande obrigada aos meus pais e ao meu irmão que sempre me apoiaram e sempre me deram ânimo para que nunca desistisse dos meus sonhos.

Quero agradecer ao meu namorado, André Roque, por me ter apoiado incondicionalmente, por ter acreditado em mim quando eu achava que não era capaz e por ter sido sempre um bom ouvinte.

Tenho de agradecer à minha grande amiga e companheira, Ana Maria Magalhães, pela amizade e pela preocupação.

Por fim, quero agradecer igualmente à minha amiga Telma Rodrigues por ser a amiga que é e por ser um exemplo de coragem e determinação.

Resumo

O objetivo principal deste trabalho consiste em determinar quais as relações retóricas e temporais existentes em fragmentos de um conto.

Para tal, foi feito um enquadramento teórico no qual se aborda as questões sobre Aspeto e Tempo, sobre a Sequências de Tempos, sobre as Relações Temporais e as Relações Retóricas.

Com base nas propostas de Asher e Lascarides (2003) e, recorrendo pontualmente a Mann e Thompson (1987), analisámos pequenos fragmentos de texto. A análise é feita a um *corpus* constituído por fragmentos do conto ‘Melchior’ retirado do livro *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen. Para a escolha do *corpus* tivemos em conta a variedade de tempos verbais e de relações retóricas.

A análise do nosso *corpus* permite-nos observar que há uma grande recorrência da relação retórica de Narração ao longo de todo o texto, o que era de esperar. Observamos também um grande jogo entre as relações de Narração, de Elaboração e de Enquadramento ao longo do texto. Verificamos também que, quando havia relação de Narração, a história desenrolava-se ao contrário das relações de Elaboração e Enquadramento. A relação de Enquadramento contrasta com a relação de Narração pois, a primeira surge tipicamente com Pretérito Imperfeito do Indicativo e a segunda com o Pretérito Perfeito do Indicativo.

Palavras-chave: Tempo, aspeto, relações temporais, relações retóricas, conto.

Abstract

The main goal of our work is to determinate which temporal and rhetorical relations are present in the tale that we chose.

In order to achieve our main goal, it was made a theoretical framework where we talk about some issues about aspect, time, sequence of times, temporal relations and rhetorical relations.

Based on the proposals of Asher and Lascarides (2003) (and Mann e Thompson (1987) when necessary) we have analyzed small text fragments. Our analysis is applied to a *corpus* constituted by the tale ‘Melchior’ from the book *Contos exemplares* of Sophia de Mello Breyner Andresen. Our *corpus* was chosen taking into account the variety of verbal tenses and of rhetorical relations.

Among the observations of our *corpus*, we argue that throughout the text there is a considerable recurrence of the rhetorical relation of Narration, which was to expect. We have observed as well parity between Narration, Elaboration and Background throughout the text. We also verified that when the rhetorical relation of Narration was present it was noticed a progressing of the story tale. It didn’t happen with the rhetorical relations of Elaboration and Background. There is a contrast between the rhetorical relation of Background and Narration because the first one is combined with the *Pretérito Imperfeito do Indicativo* and the second one is combined with the *Pretérito Perfeito do Indicativo*.

Keywords: Time, aspect, temporal relations, rhetorical relations, story tale.

Índice de tabelas (ou de quadros)

Quadro 1. Caracterização das classes aspetuais.....	13
Quadro 2. A representação dos tempos de Comrie (1985)	21
Quadro 3. A representação dos tempos de Declerck (1991)	23
Quadro 4. As propriedades dos tempos verbais propostas por Kamp e Reyle (1993)	26
Quadro 5. Relações de Coerência de Expansão de Hobbs (1985).....	42
Quadro 6. <i>Content Level Relation for Indicatives</i> de Asher e Lascarides(2003).....	66
Quadro 7. <i>Text Structuring Relations</i> de Asher e Lascarides (2003).....	67
Quadro 8. Subtipos da relação retórica de Elaboração.....	72
Figura 1. Representação linear do tempo.....	18
Figura 2. As 9 formas temporais tendo em conta a combinação dos três pontos propostos por Reichenbach (1947).....	20
Figura 3. A interação das lógicas que contribuem para a interpretação do discurso.....	59

Introdução

O interesse pelas relações temporais e pelas relações retóricas tem aumentado ao longo dos tempos. Por ser um campo bastante amplo, decidimos aplicá-lo a fragmentos de texto e verificar que tempos verbais coocorrem com as relações retóricas, que tipo de relações temporais se encontraria nesse texto e se surgem com estados ou com eventos.

O objetivo geral desta investigação consiste em determinar quais as relações retóricas e temporais existentes em fragmentos de um conto. Este objetivo transporta as seguintes questões:

(i) Que fatores contribuem para que haja coesão de modo a entendermos que se trata de uma determinada sequência textual?

(ii) Qual a proposta teórica mais indicada para tratar as relações retóricas num conto?

(iii) Haverá tempos verbais e relações retóricas dominantes nos fragmentos em análise?

(iv) Será que as relações retóricas contribuem para um melhor entendimento das relações estabelecidas pelos tempos verbais?

De forma a responder a estas questões, aprofundou-se a investigação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo centra-se nas questões aspetuais: definimos e caracterizamos o aspeto e vimos o que o diferenciava do tempo. Para um melhor entendimento deste assunto, focamo-nos em autores como Vendler (1957), Dowty (1979) e Moens e Steedman (1988) e Cunha (1998).

O segundo capítulo é dedicado ao tempo. Preocupámo-nos em explicar em que consiste o tempo linguístico e como se pode manifestar nas línguas. Para que pudéssemos dar conta de características fundamentais do tempo linguístico, centrámos o nosso estudo em quatro estudiosos fundamentais: Reichenbach (1947), Comrie (1985), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

Depois de termos caracterizado a categoria linguística ‘tempo’, temos as ferramentas necessárias para passarmos para o terceiro capítulo, que é o das sequências de tempos e das relações temporais. Dessa forma, sustentámo-nos nas seguintes propostas: Reichenbach (1947), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

Finalmente, o capítulo quatro da dissertação está dividido em duas partes. Numa primeira parte, abordamos as questões inerentes às relações retóricas. Neste capítulo definimos e caracterizamos de um modo geral o que são as relações retóricas e em que medida o tempo, o aspeto, os advérbios e o nosso conhecimento do mundo auxiliam na inferência de determinadas relações retóricas. São vários os investigadores interessados nesta área, no entanto, como não podíamos abordar todos eles, decidimo-nos pelos seguintes: Hobbs (1985), Mann e Thompson (1987), Asher e Lascarides (2003), Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010). Na segunda parte, analisamos o nosso *corpus* que é constituído por fragmentos de um pequeno conto intitulado ‘Melchior’ do livro *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen. Para a análise do conto temos em conta a proposta teórica de Asher e Lascarides (2003) e, sempre que se revelou necessário, recorremos também a Mann e Thompson (1987).

Este tudo terminou com as principais conclusões.

Capítulo 1 – Aspeto

O aspeto “fornece informações sobre a forma como é perspectivada ou focalizada a estrutura temporal interna de uma situação descrita pela frase, em particular, pela sua predicação” (Oliveira, 2003: 129). Como iremos ver no capítulo 2 deste trabalho, o aspeto distingue-se do tempo, pois o último é sempre dependente. Isto é, a categoria ‘tempo’ localiza situações, sejam elas eventos ou estados, nas diferentes línguas e em enunciados distintos. Essas situações são localizadas temporalmente em relação ao tempo da enunciação e, nesse caso teremos uma relação dêitica. Pelo contrário, quando é localizado em relação a um outro tempo, estaremos diante de uma relação anafórica.

O aspeto permite-nos olhar para a sua estrutura interna visualizando as eventualidades a partir do seu interior.

Importa reforçar o facto de que mesmo diferentes, aspeto e tempo têm pontos em comum: ambas as categorias podem operar com os mesmos conceitos temporais, tais como intervalos de tempo (veja-se Oliveira, 2003: 130). Assim, “certos adverbiais podem funcionar como aspetuais ou temporais, tal como acontece com alguns tempos verbais, que sendo basicamente portadores de informação temporal podem produzir alterações aspetuais” (Oliveira, 2003: 130).

Para comprovar a importância do aspeto em muitas línguas do mundo, o nosso estudo abrangerá propostas teóricas trazidas à luz por vários estudiosos da área. Serão eles Vendler (1957), Dowty (1979), Moens e Steedman (1988) e Cunha (1998).

1.1. Vendler (1957)

Vendler foi o primeiro estudioso a elaborar uma proposta sobre o estado de coisas que engloba todas as situações descritas pelas formas verbais. Segundo Dowty (1979) (ver, entre outros, Silva (2005)), a tipologia apresentada por Vendler retoma alguns contributos de Aristóteles, e de Ryle (1949, 1953), mas outros autores (veja-se Silva (2005)) referem posteriormente que “a sua reflexão difere das que os seus antecessores produziram, não só devido à perspectiva globalizante e ao carácter exaustivo da sua abordagem, mas também

porque, tratando-se de um estudioso da área da filosofia da linguagem, o enfoque principal foi colocado na linguagem (...)” (Silva, 2005: 106-107).

Vendler, no seu trabalho de 1957, afirma que os verbos são diferentes uns dos outros, na medida em que uns sugerem processos, outros sugerem estados, outros sugerem disposições, ocorrências, tarefas, etc. Dessa forma, o autor agrupa os verbos em quatro classes diferentes, a saber, *activity*, *accomplishment*, *achievement* e *state*.

Assim sendo, Vendler faz uma distinção pormenorizada das diferentes categorias. Ele afirma:

“The concept of **activities** calls for periods of time that are not unique or definite. **Accomplishments**, on the other hand, imply the notion of unique and definite time periods. In an analogous way, while **Achievements** involve unique and definite time instants, **States** involve time instants in an indefinite and nonunique sense.” (Vendler, 1957: 149)

Segundo esta proposta, verbos como *running*, *swimming*, *walking* estariam na categoria dos *activity terms*; verbos como *painting a picture*, *making a chair* e *building a house* estariam incluídos no grupo dos *accomplishment terms*; pelo contrário, *recognizing*, *realizing*, *reaching the summit* e *winning the race* fariam parte dos *achievement terms*; finalmente, *having*, *possessing* e *liking* estariam incluídos na categoria dos *state terms*.

Seguem-se alguns exemplos ilustrativos, baseados nas afirmações anteriores:

- (1) O João nadou na piscina olímpica. (*activity*)
- (2) A Maria construiu uma casa. (*accomplishment*)
- (3) O Pedro ganhou a corrida. (*achievement*)
- (4) A Sofia amou o João. (*state*)

Os esquemas temporais exemplificativos destas categorias seriam, segundo Vendler (1957: 149):

1. *Activities*: “A estava a nadar no momento *t*” significa que o instante *t* é um intervalo de tempo ao longo do qual A estava a nadar.
2. *Accomplishments*: “A estava a construir uma casa num determinado tempo *t*” significa que *t* está incluído no intervalo temporal em que A construiu a casa.

3. *Achievements*: “A ganhou uma corrida entre $t1$ e $t2$ ” significa que o instante temporal em que A ganhou a corrida está localizada entre $t1$ e $t2$ ”.

4. *States*: “A amou alguém a partir de $t1$ até $t2$ ” significa que A amou essa determinada pessoa num qualquer instante localizado entre $t1$ e $t2$.¹

Vendler afirma que esta divisão em quatro esquemas temporais mostra ser completa. No entanto, é impossível analisar todos os verbos ou grupos de verbos. O que o autor tenta fazer é observar alguns grupos de verbos e, depois, cabe ao leitor transferir as análises feitas a outros verbos que sejam do seu interesse.

1.2. Dowty (1979)

Dowty recupera a classificação dos verbos em quatro classes diferentes proposta por Vendler (1957). Afirma ainda que Vendler foi o primeiro teórico a tentar analisar os verbos de acordo com as quatro classes por si propostas, tendo em conta restrições com os adverbiais temporais, tempo, e implicações lógicas. Mais adiante no seu trabalho, Dowty (1979: 54) afirma que Vendler propõe que ambas as classes *state* e *achievement* sejam pertencentes ao mesmo “*genus*”², enquanto as classes *activity* e *accomplishment* são pertencentes a um outro “*genus*”. Essa separação deve-se ao facto de as primeiras duas classes não se poderem combinar com o progressivo, enquanto no segundo caso isso é permitido.

O que foi dito leva-nos ao cerne deste capítulo: os testes que Dowty apresenta. Estes testes servem para distinguir várias classes aspetuais. Vejamos, então, num primeiro momento quais os testes que permitem distinguir verbos estativos de verbos não estativos tendo em conta que “the distinction between states and activities is familiar to the linguists as the distinction stative vs. non-stative (...)” (Dowty, 1979: 55).

1. Apenas os verbos não estativos podem ser combinados com o progressivo.

(5a) * John is knowing the answer.

¹ Tradução e adaptação minha.

² “*Genus*”, em Dowty (1979), é utilizado pelo autor para se referir a um determinado grupo constituído por classes que tenham características semelhantes. Neste caso, as classes *state* e *achievement* são incluídas num “*genus*”, porque ambas têm a particularidade de não se poderem combinar com o progressivo, ao contrário dos *activities* e dos *accomplishments*.

(5b) John is running.

(5c) John is building a house. (Dowty, 1979: 55)

2. Apenas os verbos não estativos ocorrem como complementos de ‘forçar’ e ‘persuadir’:

(6a) * John forced Harry to know the answer.

(6b) John persuades Harry to run.

(6c) John forced Harry to build a house. (Dowty, 1979: 55)

3. Apenas os verbos não estativos podem ocorrer como imperativos:

(7a) * Know the answer!

(7b) Run!

(7c) Build a house! (Dowty, 1979: 55)

4. Apenas os verbos não estativos podem ocorrer juntamente com os advérbios ‘deliberadamente’ (*deliberately*) e ‘cuidadosamente’ (*carefully*):

(8a) * John deliberately knew the answer.

(8b) John ran carefully.

(8c) John carefully built a house. (Dowty, 1979: 55)

5. Apenas os verbos não estativos aparecem em construções pseudo-clivadas:

(9a) * What John did was know the answer.

(9b) What John did was run.

(9c) What John did was built a house. (Dowty, 1979: 55)

6. “As Kenny noted, when an activity or accomplishment occurs in the simple present tense (or any non-progressive tenses), it has a frequentative (or habitual) interpretation in normal contexts”. (Dowty, 1979: 55-56):

(10a) John knows the answer.

(10b) John runs.

(10c) John recites a poem. (Dowty, 1979: 56)

Dowty fornece, também, testes para distinguir as diferentes classes não estativas.

Assim:

1. Enquanto os *accomplishments* podem ocorrer com adverbiais com ‘em’ (*in*), os *activity* apenas aceitam advérbios com ‘durante’ (*for*):

(11a) ? John painted a picture for an hour.

(11b) John painted a picture in an hour. (Dowty, 1979: 56)

(12a) John walked for an hour.

(12b) * John walked in an hour. (Dowty, 1979: 56)

2. A expressão ‘levar uma hora’ (*to take an hour*) pode combinar-se com *accomplishments* mas não com *activities*:

(13a) John spent an hour painting a Picture. (Dowty, 1979: 56)

(13b) It took John an hour to paint a Picture. (Dowty, 1979: 56)

(14a) John spent an hour walking. (Dowty, 1979: 56)

(14b) * It took John an hour to walk. (Dowty, 1979: 56)

3. As implicações lógicas dos *activities* com o advérbio ‘durante’ (*for*) são diferentes das dos *accomplishment*. Ou seja, se o João andou durante uma hora (*John walked for an hour*) a qualquer altura durante essa hora é verdade que o João andou. Pelo contrário, se o João pintou um quadro durante uma hora (*John painted a picture for an hour*), pode não ser verdade que ele tenha estado a pintar em cada instante temporal dessa hora (cf. Dowty, 1979: 57). Esta diferença de implicações lógicas pode ser representada da seguinte forma:

(15) If ϕ is an activity verb, then $X \phi$ ed for Y time entails that any time during Y , $X \phi$ ed was true. If ϕ is an accomplishment verb, then $X \phi$ ed for Y time does not entail that $X \phi$ ed was true during any time within Y at all. (Dowty, 1979: 57)

4. Implicações lógicas dos tempos progressivos para os não progressivos também distinguem *activities* de *accomplishments*:

(16) If ϕ is an activity verb, then X is (now) ϕ ing entails that X has ϕ ed.
If ϕ is an accomplishment verb, then X is (now) ϕ ing entails that X has not (yet) ϕ ed. (Dowty, 1979: 57)

5. Uma diferença de implicação lógica mostra-nos se estes dois tipos de verbos (*activity*, *accomplishment*) aparecem como complemento de 'parar de' (*stop*).

(17a) John stopped painting the picture.
(17b) John stopped walking. (Dowty, 1979: 57)

Assim, podemos concluir que em (17b) o João caminhou, enquanto em (17a) não podemos afirmar que o João pintou o quadro. Apenas podemos afirmar que, num período da vida do João, ele esteve a pintar o quadro.

6. Tipicamente, apenas os *accomplishments* podem ocorrer como complemento de 'acabar de' (*finish*)³:

(18a) John finished painting a picture.
(18b) * John finished walking. (Dowty, 1979: 57)

7. O advérbio 'quase' (*almost*) manifesta-se de forma diferente consoante a utilização com *activities* ou *accomplishments*:

(19a) John almost painted a picture.
(19b) John almost walked. (Dowty, 1979: 58)

³ Repare-se que 'acabar de', em Português Europeu, pode ter duas interpretações: aspetual e temporal. Vejam-se os seguintes exemplos dos dois casos, respetivamente:

(i) O João acabou de escrever a tese.
(ii) O João acabou de chegar.

Como podemos ver, o advérbio ‘*almost*’ fornece leituras diferentes para ambos os casos: no exemplo (19a) podemos deduzir que o John ou tinha intenção de pintar ou, então, não acabou de pintar. Já o exemplo (19b) explicita que o John efetivamente não caminhou.

8. Uma última distinção no que toca a *activities* e *accomplishments* tem a ver com as ambiguidades possíveis entre eles. Assim, “some accomplishments (specifically, those in which the result brought about is a non-permanent state of affairs) exhibit an ambiguity with *for*-phrases which activities never have.” (Dowty, 1979: 58):

(20a) The sheriff of Nottingham jailed Robin Hood for four years.

(20b) The sheriff of Nottingham rode a white horse for four years. (Dowty, 1979: 58)

O exemplo (20a), um *accomplishment*, pode ter uma leitura repetitiva (o xerife prendeu o Robin Hood várias vezes ao longo de quatro anos) ou, então, o Robin Hood esteve preso durante quatro anos ininterruptamente. O exemplo (20b), uma *activity*, apenas tem uma leitura repetitiva (o xerife montou várias vezes o cavalo branco ao longo de quatro anos).

Por último, veremos os testes que diferenciam a quarta classe aspetual na proposta de Vendler (1957). Dessa forma, *achievements* podem ser diferenciados com os seguintes testes:

1. Apesar de os *accomplishments* poderem ser combinados com adverbiais do tipo ‘durante x tempo’ e ‘em x horas’ (*for-phrases* e *in-phrases*, respetivamente), os *achievements* soam estranhamente quando combinados com o advérbio ‘durante’ (*for*):

(21a) John noticed the painting in a few minutes.

(21b) ?? John noticed the painting for a few minutes. (Dowty, 1979: 58)

2. O mesmo acontece com as expressões ‘*spend-a-hour*’ e ‘*take-a-hour*’:

(22a) It took John a few minutes to notice the painting.

(22b) ?? John spent a few minutes to notice the painting. (Dowty, 1979: 59)

3. As implicações lógicas de *achievements* diferenciam-se das dos *accomplishments*. Isto é, se o facto de o João ter pintado um quadro numa hora é verdade (*John painted a Picture in an hour*), então é verdade que o João esteve a pintar o quadro durante aquela hora. No entanto, mesmo sendo verdade que o João reparou no quadro em poucos minutos (*John noticed the painting in a few minutes*) não quererá dizer que o João reparou no quadro no intervalo de tempo do começo até ao fim desses “poucos minutos” (Dowty, 1979: 59):

(23) If ϕ is an accomplishment verb, then ϕ ed in Y time entails X was ϕ ing during Y time.
 If ϕ is an achievement verb, then X ϕ ed in Y time does not entail X was ϕ ing during Y time.
 (Dowty, 1979: 59)

4. Diferentemente dos *accomplishments*, *achievements*, tipicamente, não são aceitáveis como complemento de ‘acabar de’ (*finish*):

(24)* John finished noticing the painting. (Dowty, 1979: 59)

5. De forma diferente dos *accomplishments* e dos *activities*, os *achievements* não são aceitáveis como complementos de ‘parar de’ (*stop*) (excetuando a leitura habitual):

(25) * John stopped noticing the painting. (Dowty, 1979: 59)

6. ‘Quase’ (*almost*) não dá uma leitura ambígua com *achievements*:

(26) John almost noticed the painting. (Dowty, 1979: 59)

7. Existe uma classe específica de advérbios que é semanticamente anómala com *achievements*:

(27)?? John

attentively studiously vigilantly conscientiously obediently	}	discovered the solution detected an error found a penny reached Boston noticed the painting	}
--	---	---	---

(Dowty, 1979: 59)

Segundo Dowty (1979), uma vez que os advérbios ‘*deliberately*’ e ‘*carefully*’ (do teste de estatividade) são um subconjunto dos advérbios mencionados acima, então este último teste distingue, também, para além de *state* e *achievement*, das classes restantes.

1.3. Moens e Steedman (1988)

Moens e Steedman (1988) começam o seu trabalho afirmando que se pensa que a semântica das expressões temporais está intrinsecamente relacionada com a conceção linear do tempo, isto é, uma conceção linear e ordenada do tempo. No entanto, conjectura-se que essa conceção de ordenação linear não é a mais indicada quando se trata de categorias linguísticas. As orações subordinadas com *quando* são um bom exemplo disso.

Os autores afirmam que as proposições transmitidas por frases contextualizadas podem “(...) be classified into temporal or aspectual types, partly on the basis of the tenses, aspects, and adverbials with which they can co-occur.” (Moens & Steedman, 1988: 16). O termo ‘tipo aspetual’ (*aspectual type*) tem a ver com as relações de determinados acontecimentos que o locutor predica, relativamente a outros acontecimentos no domínio do discurso. O que o locutor diz sobre essas relações é bastante diferente daquilo que essas relações são na verdade. Ou seja, o que o falante diz sobre o mundo é diferente daquilo que o mundo realmente é.

Moens e Steedman (1988) apresentam, baseados em Moens (1987), as seguintes classes aspetuais. Começemos por ver o seguinte exemplo:

(28) Harry reached the top. (Moens & Steedman, 1988: 16)

Na proposta destes dois autores, a frase acima descrita é uma **Culminação**. Isto é, um evento que é visto como pontual e instantâneo e transita para um novo estado do mundo. A este novo estado do mundo, os autores denominam **estado consequente** do evento. Vejamos um exemplo de ‘estado consequente’⁴:

⁴ Em PE (português europeu), a forma verbal representada no exemplo (29) não dá conta do estado consequente. Em português seria algo como *o topo está alcançado*.

(29) Harry has reached the top. (Moens & Steedman, 1988: 16)

Uma outra categoria aspetual é o **ponto** e, tipicamente, não é visto como modificador do estado do mundo. O ponto é um evento, indivisível e cujas consequências não estão em causa no discurso. No entanto, isso não significa que não haja consequências. Diferenciam-se das culminações, pois, quando combinados com tempos compostos, surge uma leitura agramatical. Veja-se:

(30) Harry hiccuped. (Moens & Steedman, 1988: 16)

(31) *Harry has hiccuped. (Moens & Steedman, 1988: 16)

Uma terceira classe aspetual, na tipologia de Moens e Steedman, denomina-se **processo** e é caracterizado por descrever um evento durativo no tempo, mas sem conclusão ou culminação. Expressões como ‘escalar’ (*climb*)⁵ podem ser combinadas com o adverbial ‘durante x tempo’. No entanto, não podem ser combinadas com adverbiais do tipo ‘em x tempo’.

(32) Harry climbed. (Moens & Steedman, 1988: 16)

(33) Harry climbed for several hours. (Moens & Steedman, 1988: 17)

(34) * Harry climbed in several hours. (Moens & Steedman, 1988: 17)

Vejamos, agora, o seguinte exemplo ilustrativo da última categoria aspetual a ser descrita pela proposta de Moens e Steedman (1988):

(35) Harry climbed to the top. (Moens & Steedman, 1988: 17)

O exemplo (35) refere-se a um **processo culminado**. Assim, o processo culminado descreve um estado de coisas que se prolonga no tempo mas, ao contrário do processo, tem associada uma culminação que faz com que haja uma mudança de estado. Esta categoria gramatical pode relacionar-se com adverbiais do tipo de ‘em x tempo’, mas não com adverbiais do tipo ‘durante x tempo’ (ao contrário dos processos).

⁵ Em PE, ‘escalar uma montanha’, por exemplo, é um processo culminado. Não podemos utilizar o verbo ‘escalar’ sem um objeto. É agramatical traduzirmos o exemplo (32) por *o Harry escalou*.

(36) Harry climbed all the way to the top in less than 45 minutes. (Moens & Steedman, 1988: 17)

(37) * Harry climbed all the way to the top for less than 45 minutes. (Moens & Steedman, 1988: 17)

Todas as classes descritas acima referem-se a eventos, isto é, “happenings with difined beginnings and ends. We distinguish these “hard-edged” categories from a class of indefinitely extending states of affairs, which, equally commonsensically, we call *states*” (Moens & Steedman, 1988: 17).

(38) Harry is at the top. (Moens & Steedman, 1988: 17)

Vejamos agora resumidamente, quais as características de cada classe aspetual:

	Dinâmico	Télico	Duração	Estado Consequente	Homogéneo
Processo	+	-	+	-	+
Processo culminado	+	+	+	+	-
Culminação	+	+	-	+	-
Ponto	+	(-)	-	-	-
Estado	-	-	+	-	+

Quadro 1. Caracterização das classes aspetuais (Oliveira, 2003: 137)

Há que explicar que as classes aspetuais de Moens e Steedman têm de ser caracterizadas dinamicamente, ou seja, vários elementos linguísticos (advérbios ou expressões adverbiais, auxiliares aspetuais e tempos verbais) podem influenciar na leitura aspetual de uma frase. Por exemplo, se ‘*a Maria nadou na piscina durante meia hora*’ é um processo, ‘*a maria nadou os mil metros em meia hora*’ já é um processo culminado. Dessa forma, a aspetualidade é dependente de vários fenómenos, é composicional. A esse fenómeno de mutação das classes aspetuais denomina-se ‘rede aspetual’ (*aspectual net*), ou seja, como dito anteriormente, existem vários fatores, como seja tempo, adverbiais temporais e auxiliares aspetuais, que fazem com que haja mudanças entre as classes aspetuais. Moens e Steedman

(1988: 18), acerca deste assunto, afirmam ainda que a transição das classes aspetuais “is associated with a change in the content and where, in addition, the felicity of any particular transition for a given proposition is conditional on support from knowledge and context”.

Os autores concluem declarando que as anomalias e ambiguidades que ameaçam a semântica, mais precisamente as expressões temporais nas línguas naturais, advêm da suposição de que um modelo linear do tempo é aquele mais adequado para dar conta de algumas categorias linguísticas. Uma semântica mais completa é possível a partir da conjectura de que categorias temporais como tempo, aspeto, adverbiais aspetuais e proposições “refer to a mental representation of events that is structured on other than purely temporal principles, and to which the notion of a nucleus, or contingently related sequences of preparatory process, goal event, and consequent state, is central.” (Moens & Steedman, 1988: 27)

1.4. Cunha (1998)

Cunha (1998) afirma que, quando falamos em estados, é muito importante fazer a distinção entre estados faseáveis e estados não faseáveis. Assim, “uma tal diferenciação é motivada por um comportamento muito díspar, no interior da classe dos estativos, relativamente aos designados “critérios de estatividade”, que serviriam para distinguir estados de eventos” (Cunha, 1998: 448).

Segundo o autor, certos estados não podem surgir no escopo do Progressivo, não podem surgir com o Imperativo nem como complementos de verbos (ex. ‘persuadir’, ‘ordenar’, etc). Para além disso, têm, tipicamente uma leitura de presente real, não se podem combinar com determinados operadores aspetuais e “englobam ou contém expressões pontuais e orações temporais introduzidas por *quando* (...) outros (...) sob determinados contextos, manifestam um comportamento próximo do dos eventos” (Cunha, 1998: 448)

Vejamos os seguintes exemplos contrastantes:

(39a) *O João está a ser alto.

(39b) * João, sê alto!

(39c) *A mãe persuadiu o João a ser alto.

(39d) * Quando fez seis anos, o João foi alto.

(39e) * O João começou a ser alto.

(39f) *Quando fez seis anos, o João foi alto. (Cunha, 1998: 448/449)

- (40a) A Maria está a ser simpática com as amigas.
(40b) Maria, sê simpática com as suas amigas!
(40c) A mãe persuadiu a Maria a ser simpática com as amigas.
(40d) A Maria é frequentemente/ muitas vezes simpática com as amigas.
(40e) (Finalmente) a Maria começou a ser simpática com as amigas.
(40f) Quando as conheceu, a Maria foi simpática com as amigas. (Cunha, 1998: 449)

Conforme os exemplos, podemos compreender que existem estados que não podem pertencer à rede aspetual (cf. Moens e Steedman (1988: 18)) e transformados em processos, sendo por isso [- faseáveis]. Há ainda outros estados que podem ser integrados na referida rede aspetual e, assim, recebem uma estrutura fásica característica dos processos, isto é, têm a capacidade de se transformarem em processos manifestando todas as particularidades típicas dessa tipologia aspetual, ou seja são [+ faseáveis]. De notar que a propriedade de [+ faseável] não põe em causa a definição de *estado*. Isto é, “ quando manifestam uma estrutura fásica, estas eventualidades deixam de ser estados, passando a processos; ou seja, um estado [+ “faseável”] só será um estativo nos contextos em que não apresenta uma estrutura fásica própria, sendo, nesses casos, um processo (derivado) ” (Cunha, 1998: 449).

Sumário

Neste capítulo procurámos, numa primeira parte, definir e caracterizar a noção de aspeto e em que medida se diferencia da conceção de tempo. Numa segunda parte, averiguámos quais as propostas teóricas mais importantes e em que medida deram o seu contributo neste campo semântico tão vasto que é o aspeto. Dessa forma, consideramos como indispensáveis para o presente trabalho as propostas de Vendler (1957), Dowty (1979), Moens e Steedman (1988) e Cunha (1998).

Vendler (1957) foi o primeiro estudioso a agrupar, com sucesso, as formas verbais em quatro classes distintas tendo em conta as situações descritas pelas formas verbais. Dowty (1979) contribuiu, entre outras vertentes, com a criação dos testes que tentam explicar todas as propriedades inerentes às classes verbais propostas por Vendler (1957). Já Moens e Steedman (1988), baseados em Moens (1987), sugerem uma tipologia que determina não só as distinções entre estados e eventos, como também distinções entre as várias classes

aspetuais dentro dos eventos, propondo uma rede aspetual que permite compreender as transições aspetuais e condições de construção de classes derivadas. Por fim, Cunha (1998) propõe que quando falamos de estados não podemos deixar de fazer a distinção entre estados faseáveis e estados não faseáveis.

Capítulo 2 - Tempo

A noção de tempo gramatical está incluída em todas as línguas faladas pelos humanos. Aliás, Comrie (1985: 3-4) afirma que todas as culturas humanas dispõem, de uma forma ou de outra, de uma determinada consciencialização temporal. Assim, ele ilustra esta característica afirmando:

“(...) humans are first born, then grow to maturity, then age, then die. If one had no concept of time, then one would find just natural a development where humans first appeared as dead, then came to life as old people, then grew gradually younger and eventually disappeared into their mother’s womb. Equally, one would not be surprised to see a certain individual first as grown man, then as baby, then as a corpse, then as an adolescent. Needless to say, no human culture is known to have such a conceptualization of time.”

(Comrie, 1985: 3-4)

O Tempo gramatical localiza as situações (eventos e estados) descritas nas línguas em vários tipos de enunciados. A forma mais usual de se localizar as situações é através dos tempos gramaticais, embora não seja a única maneira possível (advérbios, expressões adverbiais de tempo, algumas construções temporais).

Em geral, a conceção de tempo está relacionada com uma linha de sentido único em que o passado se representa à esquerda, o futuro à direita e o “agora” (o presente) separa o passado e o futuro e faz com que o tempo se mova. Dessa forma, é-nos permitido falar de uma relação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade do tempo em relação a um momento escolhido como o de referência e que, tipicamente, é o momento da enunciação (Veja-se Oliveira, 2003: 130 e Silvano, 2010: 92).

Como Silvano (2010: 92) explica, o “agora”, que engloba o tempo da enunciação, é um ponto crucial que possibilita o estabelecimento e a localização do passado, do presente e do futuro. Podemos acrescentar, também, à característica da linearidade do tempo uma outra que tem que ver com o facto de o tempo ser infinito com um futuro não marcado e um passado marcado.

Segue-se a representação linear da categoria linguística tempo:

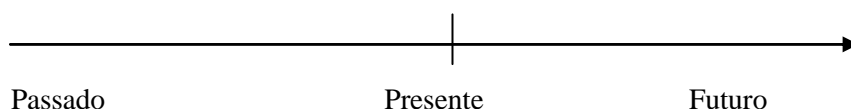


Figura 1. Representação linear do tempo (Silvano (2002: 4))

Comrie (1985: 3) verifica ainda que a representação linear do tempo:

“Does not directly represent the flow of time, i.e. whether the present moment is viewed as moving along a stationary time line, or whether time is viewed as flowing past a stationary present reference time point. (...) There is a motion of the present moment relative to the time line, i.e. what is now the present moment is a time point subsequent to what was the present moment five minutes ago.” (Comrie, 1985: 3)

O tempo é descrito como algo que é constituído por pequenas unidades temporais que, por sua vez, podem ser divididas, relacionadas ou medidas. Essas unidades temporais (intervalos temporais) são ordenadas tendo em conta o que está antes e depois. Mas, essa ordenação temporal pode não ser feita através de um tempo simples e linear, o que vai causar perturbações na teoria da representação linear e ordenada do tempo. (cf. Silvano, 2010: 92-93).

2.1. O tempo, categoria linguística

Como Silvano (2002: 6) afirma, tipicamente, a noção de referência temporal está intrinsecamente relacionada com a noção de verbo. Já na era dos antigos gregos, o verbo era caracterizado como algo de importante. Dessa forma, Platão definia este conceito como uma palavra de ação. No entanto, Aristóteles considerava-o como um som constituído de significado, indicativo de tempo, tendo como característica fundamental o tempo.

Embora muitas gramáticas considerem o tempo como uma categoria do verbo por ser, morfológicamente, uma parte integrante deste, e por os argumentos do verbo por vezes estarem fora do escopo do tempo, há ainda quem considere o tempo como uma categoria da frase, por ser o núcleo da frase (cf. Silvano, 2002: 6).

Todavia, concebendo o tempo realmente como uma categoria do verbo, há estudiosos que defendem que “um tempo verbal só pode ser marcado por um morfema flexional e não

por um morfema livre, um auxiliar, por exemplo” (Silvano, 2002: 6).

Tendo em conta vários autores especialistas no assunto, verificaremos quais as suas teorias. Assim, a título exemplificativo, Comrie descreve o tempo verbal como a gramaticalização da localização no tempo. Já Declerck apoia a teoria de Comrie acrescentando que o tempo “(...) grammaticalizes the relationship which holds between the time of the situation that is being described and the temporal zero-point of the deictic context.” (Declerck, 1991: 7 in Silvano, 2002: 7). Por fim, Kamp e Reyle (1993) sustentam a sua abordagem do tempo nos alicerces de Reichenbach (1947) e afirmam que, se uma teoria pretende realizar representações discursivas então deve, primeiramente, incrementar mecanismos temporais para a análise do tempo.

2.1.1. Teorias sobre o tempo

Veremos agora as teorias temporais mais importantes para o nosso estudo, nomeadamente Reichenbach (1947), Comrie (1985), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

2.1.1.1. Reichenbach (1947)

Reichenbach introduz o ponto de referência na análise do tempo. Assim, apresenta uma proposta assente na criação de três pontos: o ponto de fala, o ponto de referência e o ponto de evento, cuja articulação sustenta a sua análise dos tempos verbais do inglês e que, também, serve para analisar algumas sequências de frases, como se verá mais à frente. A propósito destes três pontos, Silvano (2010: 96) diz o seguinte:

“The point of speech corresponds to the time point of the act of speech. The point of the event is the time in which the predication is located. The point of reference is vaguely defined as a time between the point of the event and the point of speech.” (Silvano 2010: 96)

A combinação destes três pontos dá origem a 9 tempos gramaticais diferentes:

Structure	New Name	Traditional Name
E-R-S ⁶	Anterior past	Past Perfect
E,R-S	Simple past	Simple past
R-E-S	Posterior past	
R-S,E		
R-S-E		
E-S,R	Anterior Present	Present Perfect
S,R,E	Simple Present	Present
S,R-E	Posterior Present	Simple Future
S-E-R	Anterior Future	Future Perfect
S,E-R		
E-S-R		
S-R,E	Simple Future	Simple Future
S-R-E	Posterior Future	

Figura 2. As 9 formas temporais tendo em conta a combinação dos três pontos propostos por Reichenbach (1947) (Reichenbach, 1947: 297)

Assim, como pudemos ver e Silvano (2010) já havia mencionado, Reichenbach propõe uma nova abordagem tendo em conta o posicionamento do ponto de referência em relação ao ponto da fala (passado, presente, futuro) e tendo em conta o ponto do evento relativamente ao ponto de referência (anterior, simples, posterior). O facto de os tempos serem definidos tendo em conta dois tipos de relações, faz com que a teoria de Reichenbach seja bidimensional.

A proposta teórica de Reichenbach revela-se, como vimos, muito útil no que toca ao tratamento dos tempos verbais, pois capta a forma como o tempo é usado nas línguas naturais. No entanto, apresenta algumas desvantagens⁷ que levam a que outros teóricos façam as suas outras propostas.

⁶ Legenda: E: ponto do evento; R: ponto de referência; S: ponto da fala; , pontos que coincidem; - pontos que são separados.

⁷ Para ver as questões problemáticas da proposta teórica de Reichenbach (1947) veja-se Silvano (2002: 10 e ss).

2.1.1.2. Comrie (1985)

Comrie cria três grupos temporais diferentes: o absoluto, o relativo e o absoluto-relativo. Aqui, o ponto de referência exerce diferentes papéis. Isto é, enquanto o tempo absoluto não necessita de um tempo de referência e é definido tendo em conta a relação com o tempo do evento e o tempo da fala, o grupo dos tempos relativos e dos absoluto-relativos requerem um tempo de referência. A grande distinção entre os tempos relativos e os tempos absoluto-relativos recai na presença ou ausência do tempo de fala. O primeiro grupo é caracterizado tendo em conta a relação temporal entre o tempo do evento e o tempo de referência e o segundo grupo é caracterizado tendo em conta a relação temporal de anterioridade, simultaneidade e posterioridade entre o tempo do evento, o tempo de referência e o tempo da fala (cf. Silvano, 2010: 98).

O seguinte quadro mostra os três grupos de tempos:

Verb Tenses		Temporal relations between the relevant times
Absolute tenses	Present	E simul S
	Past	E before S
	Future	E after S
Relative tenses	Relative Present	E simul R
	Relative Past	E before R
	Relative Future	E after R
Absolute-relative tenses	Pluperfect	E before R before S
	Future Perfect	E before R after S
	Future in the past	E after R before S
	Future perfect in the past	E before R ₁ after R ₂ before S

Quadro 2. A representação dos tempos de Comrie (1985) in (Silvano, 2010: 99)

2.1.1.3. Declerck (1991)

Declerck (1991:14 e ss e 249 e ss) recorre a diferentes tipos de tempos, à noção de intervalo de tempo⁸ e às relações entre os tempos para representar os diferentes tempos de referência. Assim, conforme Silvano (2010:99):

“the temporal zero-point (t0), which is “the ultimate origin of all temporal relations” described in a predication, can be identified with the time of utterance (TU) and the time of reference, which is the time interval from which the situation is located and which can be established by the context, being in this case the time of orientation (TO), or by a temporal adverbial, in which case it is the established time (TE). Another time of reference is the time of orientation of the situation (TOsit), which corresponds to the time of orientation that is simultaneous with the time of the situation (TS).” (Silvano 2010:99)

Vejamos no seguinte quadro de Silvano (2010) a análise das estruturas dos tempos verbais proposta por Declerck (1991):

⁸ Iremos explicitar a noção de intervalo de tempo no Capítulo 3 sobre a sequência de tempos e as relações temporais.

Verb tenses		Temporal relations between the relevant times	
Present Time-sphere	Absolute Present	TS simul TO sit	TO sit includes t_0
	Relative Present	TS simul TO sit	TO sit includes TO1
	Present Perfect	TS simul TO sit TO sit completely before TO1 or TO sit before and till TO1 TO1= t_0 or TO1=TO behaving as t_0	
	Absolute Future	TS simul TOsit TS simul TOsit	TOsit after t_0 TOsit since t_0 onwards
	Relative Future	TS simul TOsit TS simul TOsit	TOsit after TO1 TOsit since TO1 onwards
	Absolute Future Perfect	TS simul TOsit TOsit completely before TO2 or TOsit before and till TO2 TO2 after t_0	
	Relative Future Perfect	TS simul TOsit TOsit completely before TO2 or TOsit before and till TO2 TO2 after TO1	
Past Time-sphere	Absolute Preterite	TS simul TOsit	TOsit before t_0
	Relative Preterite	TS simul TOsit	TOsit before TO1
	Past Perfect	TS simul TOsit TOsit completely before TO2 or TOsit till TO2 TO2 before TO1 (frequently t_0)	
	Absolute conditional	TS simul TOsit TOsit completely after TO2 or TOsit since TO2 onwards TO2 before t_0	
	Relative Conditional	TS simul TOsit TOsit completely after TO2 or TOsit since TO2 onwards TO2 before TO1	
	Conditional Perfect	TS simul TOsit TOsit completely before TO3 or TOsit since TO3 onwards TO3 after TO2 TO2 before TO1	

Quadro 3. A representação dos tempos de Declerck (1991) in Silvano (2010:100)

Ora, este quadro revela precisamente que Declerck, para o inglês, apenas considera o passado e o presente. Para o autor, o futuro está incluído na esfera do presente. A representação dos tempos de Declerck (1991) é bastante complexa, pelo que iremos apenas fazer a análise, na esfera do presente, do *Absolute Present*, o *Relative Present* e o *Present Perfect* e na esfera do passado, iremos analisar o *Absolute Preterite*, o *Relative Preterite* e o *Past Perfect*. A nossa análise será baseada no contraste existente entre as duas esferas temporais.

Tanto no *Absolute Present* como no *Absolute Preterite* o Tempo da Situação é simultâneo com o Tempo de Orientação da situação, no entanto diferem no aspeto em que, no

primeiro, o Tempo de Orientação da situação inclui o tempo da enunciação (T_0) e no segundo, o Tempo de Orientação da situação localiza-se antes do tempo da enunciação.

No que toca aos tempos relativos, (*Relative Present* e *Relative Preterite*), tal como nos casos anteriores, também o Tempo da Situação é simultâneo ao Tempo de Orientação da situação, mas, no caso do *Relative Present*, o Tempo de Orientação da situação inclui o Tempo de Orientação 1, já no *Relative Preterite*, o Tempo de Orientação da situação é anterior ao Tempo de Orientação 1.

Quanto ao *Present Perfect*, o Tempo da Situação é simultâneo ao Tempo de Orientação da situação (tal como nos casos já vistos), o Tempo de Orientação da situação é completamente anterior ao Tempo de Orientação 1 ou o Tempo de Orientação da situação é anterior e até ao Tempo de Orientação 1, o Tempo de Orientação 1 corresponde ao tempo da enunciação ou corresponde ao Tempo de Orientação comportando-se como o tempo da enunciação. Já no *Past Perfect*, o Tempo da Situação é simultâneo ao Tempo de Orientação da situação, o Tempo de Orientação da situação localiza-se completamente antes do Tempo de Orientação 2 ou até ao Tempo de Orientação 2, o Tempo de Orientação 2 encontra-se antes do Tempo de Orientação 1.

Apliquemos agora o que foi dito num exemplo no *Present Perfect*:

(41) Mary has bought a new book.

Como podemos ver, o Tempo da Situação ‘comprar um livro novo’ é simultâneo ao Tempo de Orientação da situação. O Tempo de Orientação da situação é completamente anterior ao Tempo de Orientação 1 (que se comporta como tempo de enunciação).

Como pudemos observar, a representação dos tempos inserida na proposta de Declerck (1991) é um mecanismo complexo e consistente que nos permite caracterizar as relações temporais existentes.

2.1.1.4. Kamp e Reyle (1993)

A proposta teórica de Kamp e Reyle (1993) tem como alicerce os estudos sobre o tempo de Reichenbach (1947). Ora, estes dois autores diferenciam duas noções de localização temporal: (i) o ponto de perspectiva temporal (TPpt doravante) e (ii) o ponto de referência (Rpt doravante). O TPpt é o ponto pela qual a situação é vista e o Rpt explica a progressão narrativa e é bastante importante para sequências de situações. Vejamos o seguinte exemplo ilustrativo:

(42) Mary wrote the letter. She went to the post office. (Silvano, 2010: 101)

Aqui, o Rpt da segunda situação é o evento descrito na primeira frase e o TPpt é o momento da enunciação.

Conforme Silvano (2010: 101), a teoria de Kamp e Reyle é uma teoria bidimensional, ou seja, na análise dos tempos são integrados dois tipos de relações: (i) entre o TPpt e o momento da enunciação (com dois tipos de valores caso o TPpt se localize antes do momento da enunciação ou se sobreponha a ele, respectivamente: [+ PAST] e [- PAST]); (ii) entre o tempo da localização da eventualidade e o TPpt (com três tipos de valores: presente, passado e futuro). Vejamos agora o resumo das propriedades temporais dos verbos em inglês considerados por Kamp e Reyle (1993: 601) baseado parcialmente no quadro apresentado pelos autores:

	Relation between TPpt and <i>n</i>	Relation between location time and the TPpt
Present	- PAST	<i>pres</i>
Future	- PAST	<i>fut</i>
Simple Past	- PAST + PAST	<i>past</i> <i>pres</i>
Past Future	+ PAST	<i>fut</i>
Present Perfect	- PAST	<i>pres</i>
Future Perfect	- PAST	<i>fut</i>
Past Perfect	+ PAST	<i>past</i>
	- PAST + PAST	<i>Past</i> <i>pres</i>
Past Future Perfect	+ PAST	<i>fut</i>

Quadro 4. As propriedades dos tempos verbais propostas por Kamp e Reyle (1993: 601)

Vejamos alguns exemplos do uso dos tempos verbais acima indicados. Os seguintes exemplos são da autoria de Kamp e Reyle (1993):

- (43) Mary is in the library. (Kamp and Reyle, 1993: 514)
(44) John will leave work at the usual hour. (Kamp e Reyle, 1993: 597n)
(45) Fred arrived at 10:00. (Kamp e Reyle, 1993: 593)
(46) Mary had been unhappy in her new environment for more than a year. But now she felt at home. (Kamp e Reyle, 1993: 595)
(47) Mary got to the station at 9:45. Her train would arrive at 10:05. (Kamp e Reyle, 1993: 595)
(48) Mary has lived in Amsterdam. (Kamp e Reyle, 1993: 567)
(49) John will get there around 6:30. He will have had a hard day. (Kamp e Reyle, 1993:597n)
(50) Mary was content. The past two days had been strenuous. But now she had sent off her proposal. (Kamp e Reyle, 1993: 599)
(51) Mary went to the post office. She had written the letter. (Kamp e Reyle, 1993: 573)
(52) I will be at the party at 11:00. The guests would have arrived by that time. (Silvano, 2010: 102)

Ora, segundo a análise feita por Silvano (2010: 103-104) dos exemplos acima referidos, os três primeiros exemplos (43, 44 e 45) são referentes aos tempos verbais *Present*, *Future* e *Simple Past*, respetivamente, e podemos dizer duas coisas sobre eles: (i) a relação temporal entre o TPpt das situações e o momento de enunciação é a mesma (o TPpt coincide

com o tempo da enunciação), (ii) a relação entre a situação e o tempo da enunciação é diferente (a situação localiza-se antes, depois ou sobrepõe-se ao TPpt).

No exemplo (46), o advérbio temporal ‘agora’ (*now*) faz com que o TPpt da eventualidade se encontre antes do momento da enunciação e, assim, a eventualidade sobrepõe-se ao TPpt. Kamp e Reyle (1993:597) explicam que há a possibilidade de a perspectiva temporal adquirir um valor de futuro quando esse advérbio de tempo é utilizado e, dessa forma, ‘*now*’ localiza-se num momento passado⁹. O mesmo acontece com o exemplo (47): o TPpt encontra-se antes do momento da enunciação. No entanto, a eventualidade (que se encontra no Condicional) localiza-se depois do TPpt.

Os exemplos (48) e (49) ilustram os tempos verbais *Present Perfect* e *Future Perfect*, respetivamente. Nos dois casos o TPpt coincide com o tempo da enunciação. No entanto, há diferenças: no primeiro caso, a eventualidade e o TPpt são coincidentes. No segundo caso, há uma relação de posterioridade entre a eventualidade e o TPpt.

Quanto ao *Past Perfect*, várias situações são possíveis. No exemplo (50), o TPpt da situação descrita encontra-se antes do tempo da enunciação e a localização temporal dessa situação é anterior ao TPpt (cf. *the past two days had been strenuous.*); o *Past Perfect* sofre influência do advérbio de tempo ‘agora’ (*now*), que faz com que a situação se sobreponha ao TPpt, que é anterior ao momento da enunciação (cf. *but now she had sent off her proposal.*). No exemplo (51), “o ponto de perspectiva temporal do estado resultante da eventualidade ‘*had written the letter*’ é coincidente com o ponto da fala e esse estado resultante localiza-se antes do ponto de perspectiva temporal” (Silvano, 2010: 102).

Por último, no exemplo (52) temos o tempo verbal *Past Future Perfect*, que tem como característica: (i) o TPpt ser anterior ao tempo da enunciação, e (ii) a eventualidade localiza-se depois do TPpt.

⁹ Sobre este assunto, Kamp e Reyle (1993: 595) afirmam que “the contexts in which **now** can refer to a past time are severely restricted. For example, it seems to be almost impossible for **now** to refer to a past time if the clause in which it occurs describes an event rather than a state”.

Sumário

Neste capítulo pretendemos fazer a caracterização da noção de tempo e, também, abordar um pouco a questão do tempo como categoria linguística. A seguir, vimos quais as propostas teóricas mais relevantes e de que forma contribuíram para o estudo do tempo. Portanto, consideramos essenciais as propostas de Reichenbach (1947), Comrie (1985), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

Reichenbach (1947) introduziu o ponto de referência na análise do tempo e, dessa forma, propôs que o tempo devesse ser analisado segundo a articulação de três pontos essenciais: o ponto da fala, o ponto do evento e o ponto de referência. Comrie (1985) cria três classes temporais diferentes: o absoluto, o relativo e o absoluto-relativo. Aqui, o ponto de referência exerce diferentes papéis. Declerck (1991) recorre não só a diferentes tipos de tempos, à noção de intervalo de tempo mas também às relações entre os tempos para representar os diferentes tempos de referência. Por fim, Kamp e Reyle (1993) assentam os seus estudos nos pressupostos teóricos de Reichenbach (1947). Os dois autores diferenciam duas noções de localização temporal: o ponto de perspectiva temporal (TPpt) e o ponto de referência (Rpt). O TPpt é o ponto pela qual a situação é vista e o Rpt explica a progressão narrativa e é bastante importante para sequências de situações.

Capítulo 3 – Sequência de tempos e relações temporais

A questão da sequência de tempos verbais é algo que já é observado desde há bastante tempo pelas gramáticas das línguas.

Conforme Oliveira (2003: 173) a sequência de tempos verbais tem a ver com a “relação de dependência que se estabelece entre as leituras temporais de formas verbais de algum modo relacionadas entre si”. Isto é, por um lado, se os tempos das frases simples localizam um determinado tempo em relação ao momento da enunciação, por outro lado, isso pode não ocorrer em muitas frases complexas e, dessa forma, há limitações quanto à ocorrência de determinados tempos verbais nas duas orações da frase e pode haver, também, leituras variadas (Oliveira, 2003: 173). A sequência de tempos verbais aplica-se não só a frases complexas, como também a sequências de frases simples e complexas em fragmentos textuais. O objeto de estudo das sequências de tempos verbais é bastante diverso, por isso as formas de as analisar também o serão. De facto, “ a natureza do fenómeno da sequência de tempos tem sido objeto de estudo por parte de alguns estudiosos e não há consenso nas diferentes abordagens” (Silvano, 2002: 79). Assim sendo, esses autores interessados no fenómeno em questão são, entre outros de que não falaremos neste trabalho, Reichenbach (1947), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993). Reichenbach defende a presença de regras de sequencialização de tempos. Declerck associa sequência de tempos não só à subordinação temporal, mas também outras alternativas a este fenómeno de combinação de orações como seja a criação de um novo domínio temporal, por exemplo. Kamp e Reyle criam uma metodologia capaz de interpretar as sequências de frases através de Estruturas de Representação Discursiva (DRS). Assim, estes dois autores afirmam que as frases finitas são analisadas como sendo relacionadas com as frases anteriores a elas e, conseqüentemente, estabelece-se entre as frases uma anáfora temporal.

A análise destas três propostas teóricas dentro do quadro da sequencialização de tempos verbais permite-nos uma melhor perceção do fenómeno em si.

3.1.Reichenbach (1947)

Reichenbach no final dos anos 40 propõe uma teoria fundamentada na existência de três pontos, como já vimos antes: o ponto da fala, o ponto do evento e o ponto de referência. Estes três pontos tentam descrever de forma rigorosa os tempos verbais. Note-se que o ponto de referência é particularmente relevante quando se analisa sequências de frases, propondo-se que este ponto pode manter-se ou não. Reichenbach acrescenta ainda que, numa história, os eventos existentes determinam o ponto de referência (Veja-se Silvano, 2002: 81). Vejamos o seguinte exemplo de uma sequência narrativa.

(53) But Philip ceased to think of her a moment after he had settled down in his carriage. He thought only of the future. He had written to Mrs. Otter, the *massière* to whom Hayward had given him an introduction and had in his pocket an invitation to tea the following day. (Somerset Maugham. *Of Human Bondage* in Reichenbach, 1947: 288)

Os vários eventos descritos no fragmento mencionado acima, combinados com o *Simple Past*, fazem com que o ponto de referência se localize num momento passado (antes do ponto de fala). Os eventos descritos como ‘*had settled down in his carriage*’ e ‘*had written to Mrs. Otter*’ localizam-se antes do ponto de referência, pois estão a ser combinados com o *Past perfect* (Pretérito-Mais-Que-Perfeito) (Reichenbach, 1947: 288).

Reichenbach não estuda apenas as relações temporais que se estabelecem entre os tempos verbais em fragmentos de narrativas, mas também relações temporais em frases complexas. O autor afirma ainda:

“When several sentences are combined to form a compound sentence, the tenses of the various clauses are adjusted to one another by certain rules which the grammarians call the *rules of the sequence of tenses*. We can interpret these rules as the principle that, although the events referred to in the clauses may occupy different time points, the reference point should be the same for all the clauses – a principle, we shall say demands the permanence of the reference point.” (Reichenbach, 1947: 293)

Assim, Reichenbach explicita como funciona o princípio da permanência do ponto de referência através de alguns exemplos. Vejamos:

(54) I had mailed the letter when John came and told me the news. (Reichenbach, 1947: 293)

(54a) 1ª oração E₁ _____ R₁ _____ S
 2ª oração _____ R₂, E₂ _____ S
 3ª oração _____ R₃, E₃ _____ S

(55) I did not know that you would be here. (Reichenbach, 1947: 293)

(55a) 1ª oração R₁, E₁ _____ S
 2ª oração R₂ _____ S, E₂

Quanto ao exemplo (54), o ponto de referência das três orações localiza-se antes do ponto de fala. Já no segundo caso, no exemplo (55), o ponto de referência da segunda oração localiza-se no passado e o ponto de evento coincide com o ponto de fala.

Reichenbach afirma que “if the time relation of the reference point compared is not identity, but time sequence, i.e., if one is said to be before the other, the rule of the permanence of the reference point can thus no longer be maintained” (Reichenbach, 1947: 294-295). Aliás, neste caso, a regra da permanência do ponto de referência é substituída por uma outra regra mais geral denominada ‘uso posicional do ponto de referência’ e, neste caso, é o ponto de referência que detém a posição temporal (Veja-se Reichenbach, 1947: 295 e Silvano, 2002: 82).

Vejamos o seguinte exemplo:

(56) He was helthier when I saw him than he is now. (Reichenbach, 1947: 295)

Neste exemplo não se verifica a regra da permanência do ponto de referência. Podemos observar esse fenómeno através da representação da estrutura das orações que fazem parte do exemplo anterior. Vejamos:

(56a) 1ª oração R₁, E₁ _____ S
 2ª oração R₂, E₂ _____ S
 3ª oração _____ S, R₃, E₃

O ponto de referência, na terceira oração, apesar de coincidir com o ponto de fala e o ponto do evento, não coincide com o da 1ª e o da 2ª oração.

Assim, podemos observar o seguinte:

Reichenbach (1947) propõe a existência de três pontos, sendo eles o ponto de fala, o ponto do evento e o ponto de referência, que descrevem com um elevado grau de precisão os tempos verbais.

O ponto que teve um grande destaque nesta proposta foi o ponto de referência por ser um “mecanismo” fundamental na interpretação das sequências de tempos verbais.

No entanto, esta proposta não está ausente de críticas. Vejamos a título exemplificativo as seguintes:

(i) Declerck (1991) afirma que nem todos os tempos verbais podem ser analisados através dos três pontos sugeridos por Reichenbach, pois, por exemplo, “um tempo passado relativo, numa frase em que o verbo da oração subordinante é também passado, descreve somente o evento da oração subordinada como simultâneo com o da oração subordinante, não estabelecendo qualquer tipo de relação temporal com o ponto de fala.” (Silvano, 2002: 83).

(ii) Como Silvano (2002:83) afirma, a proposta de Reichenbach é um pouco omissa e simples, no entanto deve ser encarada como uma primeira no quadro da análise da sequência de tempos verbais e serviu como base teórica para outros linguistas e para outras propostas mais completas.

3.2. Declerck (1991)

Declerck (1991) foca o seu estudo em dois tipos de orações: as simples e as complexas. Partindo desse princípio, ele procura observar como é que os diferentes tempos verbais são usados no discurso.

Este estudioso defende que, quando duas ou mais orações são combinadas entre si, duas situações diferentes podem acontecer: (i) integrar a nova situação no intervalo temporal criado pela primeira situação (forma verbal relativa); (ii) a nova situação não é integrada no intervalo temporal da situação anterior mas, pelo contrário, dá-se a criação de um novo

domínio temporal (forma verbal absoluta) (cf. Silvano, 2010: 154). Segundo Silvano (2002: 93), “(...) domínio temporal, na acepção de Declerck, significa um intervalo de tempo ocupado por uma situação, ou conjunto de situações, temporalmente relacionadas umas com as outras através de formas verbais.”. Esses dois tipos de combinações temporais denominam-se subordinação temporal e criação de um novo domínio temporal, respetivamente.

Vejamos os seguintes exemplos:

(57) *I am working while he is doing nothing.* (Declerck, 1991: 34 in Silvano, 2010: 155)

(58) *He will say that he will never leave her.* (Declerck, 1991: 39 in Silvano, 2010: 155)

Como podemos verificar, no exemplo (57), o presente do progressivo faz com que a segunda situação seja integrada no domínio temporal criado pela primeira situação e, assim, a segunda situação é simultânea com a primeira. Já no exemplo (58), a primeira oração encontra-se num tempo futuro e isso faz com que o domínio temporal se localize no setor do pós-presente. Dessa forma, a segunda oração liga-se à primeira oração através do mecanismo de subordinação temporal. A relação temporal é de posterioridade (Silvano, 2010: 155).

No entanto, quando a segunda situação não é inserida no intervalo temporal da primeira situação, então aciona-se um outro mecanismo de combinação de orações denominado ‘criação de um novo domínio temporal’, como já referido anteriormente.

Vejamos os seguintes exemplos:

(59a) *João said that Maria witnessed the accident.* (Declerck, 1991: 46 in Silvano, 2010: 155)

(59b) *João said that Maria had witnessed the accident.* (Declerck, 1991: 46 in Silvano, 2010: 155)

Ora, no exemplo (59a), há criação de um novo domínio temporal num setor passado. Contrariamente ao que acontece no exemplo (59b), no exemplo (59a) o TO da oração subordinada corresponde ao tempo da enunciação e não ao tempo em que se localiza a primeira situação. No entanto, no exemplo (59b), o TO da oração subordinada coincide com o intervalo temporal da primeira oração (Silvano, 2010: 155). Estes dois últimos exemplos são ilustrativos da diferença existente entre criação de um novo domínio temporal e subordinação temporal, respetivamente.

Em suma:

- A proposta de Declerck (1991) inclui não só frases simples, como também frases complexas;
- Delimita com bastante precisão quais os casos em que existe subordinação temporal ou, então, criação de um novo domínio temporal;
- Explicita quais os contextos viáveis para que duas ou mais situações, numa sequência de frases ou orações, estejam ou não numa relação temporal direta.

3.3. Kamp e Reyle (1993)

A *Discursive Representation Theory* (DRT) de Kamp e Reyle possibilita uma análise progressiva e ordenada dos diferentes fenómenos linguísticos, como a estrutura temporal de sequências de frases não complexas.

No quadro teórico da DRT, Kamp e Reyle (1993) propuseram e desenvolveram um modelo teórico que transformava semanticamente frases da língua inglesa. Esse modelo denomina-se DRS (*Discourse Representation Structure*).

Segundo Silvano (2002: 104), “quando se procura representar unidades linguísticas maiores do que as frases simples, o processamento é feito frase a frase. Assim, a DRS introduz a informação trazida por cada nova frase no conjunto da informação já disponível”. Portanto, à medida que a informação é processada, os referentes discursivos e os componentes que os caracterizam, introduzidos anteriormente através de frases, serão interpretados através da informação mais recente. A interpretação de uma determinada frase depende de fatores como (i) a estrutura sintática da própria frase; (ii) a estrutura representativa do contexto das frases anteriores. Ora, as representações estruturais semânticas das sequências discursivas possibilitam a obtenção do significado discursivo e não da frase isoladamente (Veja-se Silvano, 2002: 104).

Vejamos agora como podemos aplicar esta metodologia na seguinte sequência de frases. Eis um exemplo com a seguinte representação estrutural analisada em Silvano (2002: 104-105):

(60) A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. Bill served him a beer.
(Kamp e Reyle, 1993: 526)

Quanto à primeira frase:

1. Primeiramente, deve-se escolher qual o TPpt (ponto de perspectiva temporal). Assim, quando o TPpt tem o valor de –Past, identifica-se com o momento da enunciação;
2. Seguidamente, relaciona-se o tempo da localização (t_1) com o TPpt;
3. Descortina-se qual a relação existente entre a eventualidade descrita (e_1) e o tempo de localização (t_1);
4. Não se determina o ponto de referência, pois, neste caso em particular, estamos perante uma frase de início de discurso.

Quanto à segunda frase:

1. A sua interpretação tem de ser feita em relação a primeira frase;
2. Numa primeira fase, analisa-se o TPpt que, neste caso, coincide com o momento da enunciação;
3. De seguida “introduz-se a condição que relaciona o tempo da eventualidade descrita com o TPpt ($t_2 < n$) e a condição descritiva da relação entre o estado e o tempo da localização que neste exemplo é a sobreposição (...)” (Silvano, 2002: 105);
4. Tem-se de constituir uma conexão entre a situação desta frase com a situação da frase anterior;
5. O ponto de referência coincide com a situação descrita pela primeira frase que, por sua vez, se encontra incluída no estado *wearing a black jacket*.

Quanto à terceira frase:

1. Identifica-se o Rpt com e_1 e o TPpt com n ;
2. A situação descrita encontra-se antes do momento da enunciação (n);
3. O primeiro evento é anterior à situação “*Bill served him a beer*”.

Para além das relações temporais, “Kamp e Reyle consideram que, num discurso coerente, as frases que o compõem mantêm com o discurso imediatamente precedente relações retóricas” (Silvano, 2002: 106). Vejamos os seguintes exemplos:

(61) A man entered the White Hart. Bill served him a beer. The man paid. (adaptado de Kamp e Reyle 1993: 526 in Silvano, 2002: 107)

(62) A man entered the White Hart. He was wearing a black jacket. (adaptado de Kamp e Reyle 1993: 526 in Silvano, 2002: 107)

Ora, no primeiro exemplo, há a relação retórica de Narração. Já no segundo exemplo, na segunda frase, encontramos a relação retórica de Enquadramento. Apesar de os autores terem considerado a existência de relações retóricas (ou discursivas) para a interpretação do discurso, não as inseriram na sua teoria, porque, na altura, ainda não havia nenhuma teoria válida sobre as relações retóricas. A questão das relações retóricas será abordada no capítulo 4 deste trabalho.

Resumindo, no quadro da DRT, a DRS é mais produtiva quando é aplicada a sequências de frases do que em frases simples isoladas permitindo estabelecer relações entre elas. No entanto, algumas observações já foram feitas como seja a forma como se determina o TPpt e o Rpt passado a partir do contexto. Segundo Silvano (2002: 108): “ neste modelo teórico, no processamento de frases que compõem um texto, a DRS já construída não fornece indicações precisas acerca do TPpt e/ou do Rpt para a eventualidade a integrar”.

De acordo com Silvano (2002: 108), a DRT, por ser uma teoria maioritariamente de representações discursivas, há alguns tipos de discursos que são descurados, como é o caso de alguns exemplos de frases complexas. Assim, no que diz respeito a frases complexas, estes dois estudiosos tratam apenas frases temporais e relativas, pondo de parte as frases completivas.

Sumário

Neste capítulo sobre a sequência de tempos e as relações temporais preocupámo-nos em definir e caracterizar o que era o fenómeno da sequência de tempos e quais as relações temporais existentes. A seguir, mencionamos quais as propostas teóricas que iríamos abordar, a saber, Reichenbach (1947), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

Neste capítulo, Reichenbach (1947) volta a ser essencial pelo facto de o ponto de referência ser um “mecanismo” fundamental na interpretação das sequências de tempos verbais. Um conceito muito importante e que foi, também, aqui explorado foi ‘o princípio da permanência do ponto de referência’. Declerck (1991), por sua vez, dá o seu contributo na área da sequência de tempos criando o conceito de ‘domínio temporal’ e afirmando que quando duas ou mais orações são combinadas entre si, duas situações diferentes podem acontecer: integrar a nova situação no intervalo temporal criado pela primeira situação ou a nova situação não é integrada no intervalo temporal da situação anterior mas, pelo contrário, dá-se a criação de um novo domínio temporal. Por fim, Kamp e Reyle (1993) no quadro teórico da DRT, desenvolveram um modelo teórico que transformava semanticamente frases da língua inglesa. Esse modelo denomina-se DRS (*Discourse Representation Structure*). Conceitos como ‘Ponto de perspectiva temporal’ (TPpt) e ‘Ponto de referência’ (Rpt) são conceitos chave na teoria destes dois autores.

Capítulo 4 – Relações retóricas e aplicação a um texto

O capítulo 4 está dividido em duas partes. Numa primeira parte iremos definir e analisar as relações retóricas tendo em conta as propostas teóricas dos seguintes autores: Hobbs (1985), Mann e Thompson (1987), Asher e Lascarides (2003), Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010). Em seguida, na segunda parte, iremos analisar fragmentos de um conto tendo em conta as relações temporais e as relações retóricas de Asher e Lascarides (2003) e, sempre que for necessário, utilizaremos, também, o contributo de Mann e Thompson (1987).

4.1. Relações retóricas

O conceito de ‘relação retórica’ foi primeiramente introduzido no contexto dos estudos do discurso cujo objetivo principal era explicar como o discurso se organiza. Com o passar dos anos e das investigações, esta noção passou a ser integrada no domínio das teorias semânticas que, ao mesmo tempo, trabalham com outros fenómenos linguísticos como as relações temporais (Silvano, 2010: 167).

No quadro da coesão textual, o interesse pela coesão gramatical tem crescido e, conseqüentemente, os avanços neste campo em particular têm sido bastante consistentes. Um desses avanços tem a ver com a introdução do conceito de relações retóricas como algo que explica os tipos de relações existentes entre as unidades do discurso (cf. Silvano, 2010: 168). Vários são os estudiosos que se interessaram por este assunto, como é o caso de Hobbs (1985), Mann e Thompson (1987), Asher e Lascarides (2003) Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010).

Tendo em conta Silvano (2010: 170), “(...) understanding a text is determined not only by the nature of the rhetorical relations but also by the linguistic markers of those relations”. De facto, têm surgido alguns estudos que comprovam que as relações retóricas fazem parte de uma representação cognitiva, enquanto os marcadores linguísticos são meramente expressões dessas relações que levam o leitor a depreender qual a relação retórica mais apropriada para cada situação (Silvano, 2010: 170).

Segundo Silvano (2010: 170), “the different theories that propose an analysis of the rhetorical structure of the discourse define as units of analysis clauses or/and single sentences

in short discourses.” Por exemplo, no quadro da *Segmented Discourse Representation Theory* (SDRT), de Asher e Lascarides (2003), os elementos de análise das relações retóricas são, tipicamente, frases não complexas, com algumas exceções para as coordenações com *and* ou *but*. No entanto, o facto de muitos estudiosos cingirem as suas pesquisas às frases simples não quer dizer que as relações retóricas não possam ser usadas para interpretar frases complexas.

No que diz respeito às unidades discursivas, a SDRT (no quadro teórico de Asher e Lascarides (2003)), segundo Silvano (2010: 170), “(...) predicts that two arguments linked by a rhetorical relation can form a composite unit which can be linked to other units by another rhetorical relation. Moreover, the same two units can be linked by more than one rhetorical relation, contrary to what is allowed by RST¹⁰.”

Assim, as relações retóricas são mais utilizadas para interpretar a estrutura de uma sequência de frases ou pequenos textos.

As diferentes teorias sobre as relações retóricas revelam-se bastante heterogêneas. Dessa forma, iremos analisar as principais propostas no campo das representações discursivas.

4.1.1. Hobbs (1985)

No começo do seu trabalho, Hobbs afirma que o texto tem estrutura. Quando trabalhamos num texto observamos, por exemplo, elaborações, paralelismos, contrastes, sequências temporais. Este tipo de relações liga fragmentos de texto e essa junção dos fragmentos de texto constituem o texto na sua globalidade.

No seu capítulo intitulado *The Framework for a Theory of Discourse Interpretation*, ele argumenta que as pessoas entendem tão bem o discurso porque sabem muito sobre este. Portanto, uma teoria sobre a interpretação do discurso deve ser uma teoria que esclareça como o conhecimento é usado para resolver problemas impostos pelo discurso.

O autor assenta a sua proposta em seis subteorias: *logic notation or knowledge representation; syntax and semantic translation; knowledge encoding; deductive mechanisms; discourse operations, or specification of possible interpretations; specification*

¹⁰ A RST (Rhetorical Structure Theory) é uma teoria sobre as relações retóricas da autoria de Mann e Thompson (1987) e que refere que duas unidades textuais não podem ser ligadas por mais do que uma relação retórica.

of the best interpretation. Estas subteorias são muito importantes porque fornecem as ferramentas necessárias para que se possa analisar o discurso e, conseqüentemente, avaliar qual a relação de coerência mais plausível para cada caso.

No seu terceiro capítulo, Hobbs coloca as seguintes questões: ‘porque é que o discurso é maior do que uma frase?’, ‘Porque chamamos ‘discurso’ a uma seqüência de enunciados e não simplesmente ‘seqüência de enunciados?’, ‘Quais são os critérios que definem o discurso?’.

Posteriormente, o autor responde às questões por ele colocadas dando a entender que as relações de coerência são determinadas consoante o que o leitor/ouvinte infere daquilo que é dito. Dessa forma, num momento discursivo: (i) o locutor deseja transmitir uma mensagem; (ii) o locutor pretende, com essa mensagem, atingir algum objetivo; (iii) o locutor deve conjugar aquilo que ele próprio diz com aquilo que o ouvinte sabe; (iv) o locutor deve facilitar a mensagem para que o ouvinte perceba aquilo que está a ser transmitido (cf. Hobbs, 1985: 8).

Estas considerações trazem à luz quatro categorias distintas de relações de coerência, sendo elas: (1) *relações de ocasião*; (2) *relações de avaliação*; (3) *relações que evocam o conhecimento do ouvinte* e (4) *relações de expansão*.

As relações de **Ocasão** acontecem quando uma mudança de estado pode ser inferida a partir da asserção da primeira oração (S₀), cujo estado final pode ser inferido através da segunda oração (S₁) ou vice-versa.

(63) Walk out the door of this building.
Turn left.
Go to the corner. (Hobbs, 1985: 10)

A primeira frase descreve uma mudança de localização cujo estado final se mantém durante o evento relatado na segunda frase que, por sua vez, é o estado inicial na mudança de sítio (descrito na terceira frase).

O segundo grupo de relações de coerência na proposta de Hobbs (1985) é referente às relações de **Avaliação**. Este tipo de relações ocorre quando se infere, a partir de S₁, que S₀ é um passo no plano de alcançar algum objetivo no discurso. Ou seja, S₁ informa sobre o que

foi dito em S_0 . A relação também pode ser invertida. As relações de avaliação são parecidas com as relações de Causa e Explicação. Assim, “if the state or the event described in S_1 causes the state or event described in S_0 , then S_1 explains S_0 . If the state or event described in the S_1 has caused the speaker to say S_0 , then S_1 evaluates S_0 ” (Hobbs, 1985: 12).

(64) The funniest thing happened to me. (A story.)
or
(A story.) It was funny at the time.
... Do you know what I mean? (Hobbs, 1985: 12)

Para o autor, o objetivo de ser-se compreendido é algo essencial. Foi por causa deste objetivo que Hobbs nomeou este tipo de relação de ‘Avaliação’.

O terceiro grupo de relações de Coerência tem a ver com aquelas que relacionam o discurso com o conhecimento já adquirido pelo ouvinte. Assim sendo, fazem parte deste grupo a relação de **Explicação** e a relação de **Enquadramento**.

Temos uma relação de Enquadramento quando o discurso satisfaz os seguintes requisitos: “Infer from S_0 a description of a system of entities and relations and infer from S_1 that some entity is placed or moves against that system as a background” (Hobbs, 1985: 13). Vejamos um exemplo para a relação de Enquadramento:

(65) And one Sunday morning about ohhh five o’clock in the morning
I sat down in the Grand- no no, not in the Grand Central, in the Penn Station,
and while I was sitting there a young cat came up to me,... (Hobbs, 1985: 12)

Aqui, as duas primeiras frases parecem fornecer o enquadramento do que se irá passar na terceira linha do exemplo.

Na relação de Explicação inferimos que a situação descrita por S_1 causa ou pode causar a situação descrita em S_0 . Segundo Hobbs, apenas existe a relação de Explicação quando a frase descreve conhecimento prévio. A relação inversa seria a relação de Causa, que não está incluída neste grupo de relações de coerência.

Esta relação de coerência é uma das razões para se contar uma história de trás para a frente.

- (66) He was in a foul humor that night.
 He hadn't slept well that night.
 His electric blanket hadn't worked. (Hobbs, 1985: 14)

A segunda frase informa-nos sobre a causa do acontecimento da primeira frase e a terceira frase faz o mesmo para a segunda frase.

Finalmente, o quarto grupo referente às relações de coerência denomina-se por relações de **Expansão** e é o maior dos grupos. Estas relações, segundo Hobbs (1985: 14):

“Expand the Discourse in place, rather than carrying it forward or filling in background. They all involve inferential relations between segments of the text and can probably be thought of as easing the listener’s inference processes. They can be classified in terms of moves between specific and general assertions and the interaction of these moves with negation (...)” (Hobbs, 1985: 14)

	Specific to Specific	Specific to General	General to Specifics
POSITIVE	Parallel	Generalization	Exemplification
NEGATIVE	Contrast	-----	-----

Quadro 5. Relações de coerência de Expansão de Hobbs (Hobbs, 1985:15)

Na relação de **Paralelismo** infere-se “ $p(a_1, a_2, \dots)$ a partir da asserção de S_0 e infere-se $p(b_1, b_2, \dots)$ a partir da asserção de S_1 , em que a_i e b_i são semelhantes para todos os i ” (Hobbs, 1985:15). O seguinte exemplo ilustra a relação de coerência referida:

- (67) Blood probably contains the highest concentration of hepatitis B virus of any tissue except liver.
 Semen, vaginal secretions, and menstrual blood contain the agent and are infective.
 Saliva has lower concentrations than blood, and even hepatitis B surface antigen may be detectable in no more than half of infected individuals.
 Urine contains low concentrations at any given time. (Hobbs, 1985: 16)

Como podemos ver, o predicado p é ‘conter’ com vários argumentos. Neste exemplo estamos a fazer o paralelismo entre as várias características de cada elemento: sangue, sémen e saliva.

A relação de **Elaboração** é como a relação de Paralelismo. Em Elaboração “infere-se a mesma proposição P a partir das asserções de S_0 e S_1 ” (Hobbs, 1985: 18). Normalmente, a segunda parte acrescenta informação essencial sobre a primeira parte. Segue-se um exemplo deste tipo de relação:

(68) Go down First Street.

Just follow First Street three blocks to A Street. (Hobbs, 1985: 18)

Sobre a primeira frase podemos inferir: go (*Agent: you, Goal: x, Path: First St., Measure: y*). No entanto, na segunda frase já temos a informação necessária para inferir o seguinte: go (*Agent: you, Goal: A st., Path: First St., Measure: 3 blks*).

A próxima relação de coerência a ser referida é a relação de **Exemplificação** e é definida da seguinte forma: infere-se “ $p(A)$ a partir da asserção de S_0 e $p(a)$ a partir da asserção de S_1 , em que a é membro ou um subconjunto de A ” (Hobbs, 1985:20). Vejamos um exemplo:

(69) We cannot affirm that the technical evolution of East Asia followed the same course as it did in the West.

Certainly no stage corresponding to the Mousterian tradition has been found in China. (Hobbs, 1985: 20)

A ‘China’ aqui está a dar o exemplo de um país da Ásia Oriental que não seguiu o rumo da evolução tecnológica da Ásia Ocidental.

A relação de **Generalização** é o oposto da de Exemplificação.

Existem dois casos distintos de relação de **Contraste**. Isto é:

- (i) Num primeiro caso, as predicções são feitas sobre entidades idênticas;
- (ii) Num segundo caso, as predicções são feitas sobre entidades contrastantes.

Segue-se um exemplo que ilustra o primeiro caso de relação de Contraste:

(70) You are not likely to hit the bull's eye,
but you are more likely to hit the bull's eye than any other equal area. (Hobbs, 1985: 21)

Aqui, podemos inferir, a partir da primeira oração, que a probabilidade de o indivíduo acertar no alvo é muito pequena. Já na segunda oração podemos inferir que a probabilidade de o indivíduo acertar no alvo é maior do que a probabilidade de acertar em qualquer outra área semelhante.

Vejamos, agora, um exemplo ilustrativo do segundo caso de relação de Contraste:

(71) If INFO (M) < INFO (N), then set M to LINK (M).
If INFO (M) < INFO (N), then set N to LINK (N). (Hobbs, 1985: 21)

Sobre este exemplo o autor diz o seguinte: “what is asserted in each sentence is an implication. The first arguments of the implication are contradictory conditions. The second arguments are similar in that they are both assignment statements.” (Hobbs, 1985: 21)

Apesar de o autor não incluir a próxima relação a ser descrita no quadro acima referido, Hobbs associa uma outra relação de coerência a este último grupo de relações. Esta relação é denominada de **Expectativa anulada**.

Então, na Expectativa anulada, o leitor infere “ P a partir da asserção de S_0 e $\neg P$ é inferido a partir da asserção de S_1 .” (Hobbs, 1985: 22). Assim sendo:

(72) John is a lawyer, but he's honest. (Hobbs, 1985: 22).

Neste exemplo, podíamos inferir a partir da primeira oração que o John é desonesto porque é advogado. No entanto, essa inferência é imediatamente anulada na segunda oração (o John é honesto). Estamos a anular a expectativa de ele ser desonesto por ser advogado.

Como conclusão deste capítulo sobre a descrição das relações de coerência, Hobbs declara que as relações de coerência são estratégias de construção de texto, estratégias essas usadas pelo falante/locutor para facilitar a compreensão do leitor.

No quarto capítulo do trabalho de Hobbs, intitulado de *The Structure of Discourse*, o autor explica que uma oração é um segmento de discurso e, quando dois segmentos de discurso, ou seja, duas orações, são ligados por uma dada relação de coerência, as duas combinadas transformam-se num único segmento de discurso. Com o reconhecimento das relações de coerência através dos segmentos, estamos aptos para construir a estrutura do discurso como um todo.

A um dado momento, Hobbs (1985: 25) coloca o seguinte problema:

“If the definition of the coherence relations can be applied to segments of discourse larger than a single clause, we need to be able to say what is asserted by those segments. We can do so if, in the composition process, when two segments S_0 and S_1 are joined by a coherence relation into a larger segment S , we have a way of assigning an assertion to S in terms of the assertion of S_0 and S_1 . The assertion of S constitutes a kind of summary of the segment S .”

(Hobbs, 1985: 25)

Uma possível abordagem a este problema passa pela divisão das relações de coerência em duas classes sintáticas distintas: **coordenação** e **subordinação**. Dentro da classe da coordenação estão integradas as relações de **Paralelismo e Elaboração**.

Para reconhecer uma relação dentro do grupo da coordenação temos de descortinar uma proposição comum a cada segmento. Podemos denominar esta proposição comum como uma asserção do segmento composto.

Dentro do grupo das relações de **subordinação** estão incluídas as relações de **Enquadramento, Explicação, Exemplificação, Generalização, Contraste e Expectativa anulada**. Neste tipo de relações, um dos dois segmentos (S_0 ou S_1) é subordinado ao outro. Isto é, S_0 é subordinado a S_1 ou vice-versa.

No último capítulo, o autor sugere um método para analisar o discurso. Esse método analítico consiste em quatro passos, e à medida que os passos vão avançando a dificuldade aumenta também. Assim, o primeiro passo seria o de menor dificuldade e o quarto passo seria o de maior dificuldade.

Primeiramente, divide-se o texto em duas grandes partes (intuitivamente). O processo é realizado consecutivamente até chegarmos ao nível básico das orações simples. O passo seguinte consiste em rotular os nós não terminais da árvore através de relações de coerência,

na direção de baixo para cima. O terceiro passo, e penúltimo, tem como função especificar “(more or less) the knowledge or beliefs that support for the assignment of coherence relations to the nodes. Each of the coherence relations has been defined in terms of the inferences that must be drawn from the listener’s knowledge base in order to recognize the relation” (Hobbs, 1985:32). Finalmente, o quarto e último passo deste processo de análise serve de validação sobre a hipótese conjecturada no passo número 3.

Hobbs conclui afirmando que este seu trabalho é apenas uma parte de uma teoria maior que tem como objetivo explicitar o vínculo entre a interpretação de um texto e o conhecimento e as crenças que circunscrevem o texto. Diz ainda que as relações de coerência que dão forma e estrutura ao texto são uma parte fundamental para a interpretação de um texto e são definidas tendo em conta um conjunto de inferências (que devem ser desenhadas de forma a que se reconheça uma determinada relação de coerência e para especificar uma união que deve existir entre as interpretações e o conhecimento) (Hobbs, 1985: 33).

4.1.2. Mann and Thompson (1987)

A *Rhetorical Structure Theory* (RST), proposta por Mann e Thompson (1987), fornece um leque de combinações de traços muito úteis no que toca aos estudos do discurso. Estas combinações de traços:

- identificam a estrutura hierárquica do texto;
- descrevem possíveis relações entre partes do texto, identificando o ponto de transição de uma relação e a extensão dos itens relacionados;
- fornecem análises bastante mais adequadas do que um simples comentário;
- analisam textos de diferentes tamanhos.

Como Mann e Thompson explicam, a RST disponibiliza uma forma de descrever as relações entre as orações num determinado texto, quer estejam lexicalmente e gramaticalmente delineadas ou não. Para além disso, a RST é uma ferramenta bastante importante para relacionar o significado das conjunções, a gramática das combinações de orações e as parataxes não sinalizadas.

Mann e Thompson descrevem as relações como algo “defined to hold between two non-overlapping text spans, here called the nucleus and the satellite, denoted by N and S”

(Mann and Thompson, 1987: 4). Importa explicar que o Núcleo (N) é uma unidade que transporta a informação mais importante, corresponde às partes mais importantes do texto e preenche o objetivo principal do escritor/locutor. Já o Satélite (S) é uma unidade que fornece informação secundária. Um determinado texto sem núcleos é incompreensível, um texto sem satélites é interpretável.

No quadro teórico destes dois autores, existem várias formas de combinação de unidades (núcleo e satélite): um único núcleo é ligado a um satélite; um único núcleo e dois satélites; vários núcleos mas sem satélites. Não é possível haver relações retóricas no quadro da RST apenas com satélites.

Para os autores, a definição de relação baseia-se em quatro categorias diferentes:

- Restrições no núcleo
- Restrições no satélite
- Restrições na combinação entre núcleo e satélite
- Efeito.

Cada categoria descreve juízos que o analista do texto deve ter em conta no momento da construção da estrutura da RST.

No que toca à análise dos textos, o primeiro passo a ser feito, segundo Mann e Thompson (1987: 6), “is dividing it into units. Unit size is arbitrary, but the division of the text into units should be based on some theory-neutral classification. That is, for interesting results, the units should have independent functional integrity.” As unidades do texto são, principalmente, orações.

Uma análise estrutural do texto é um conjunto de aplicações esquemáticas (*schema applications*), como os que se seguem:

Completeness: A aplicação esquemática deve conter todas as porções de texto (*text spans*) que constituem o texto.

Connectedness: Cada porção/ fragmento de texto em análise tanto é uma unidade mínima como parte de uma outra aplicação esquemática da análise.

Uniqueness: Cada aplicação esquemática abarca um diferente leque de porções de texto e “within a multi-relation schema each relation applies to a diferente set of text spans” (Mann e Thompson, 1987: 8).

Adjacency: As porções de texto de cada aplicação esquemática formam uma porção de texto.

Posteriormente, Mann e Thompson apresentam as relações retóricas fundamentadas no quadro da RST. Assim, os investigadores começam com as relações de **Evidência** e de **Justificação**. Estas duas relações retóricas formam um subgrupo e o que têm em comum é o facto de ambas envolverem “the reader’s attitude toward the nucleus.” (Mann & Thompson, 1987: 9). De facto, Evidência e Justificação são diferentes uma da outra porque, enquanto na Evidência o satélite é criado para aumentar a crença do leitor sobre o se encontra no núcleo, na relação de Justificação cria-se um satélite para aumentar a prontidão do leitor em aceitar o que o locutor apresenta na parte nuclear.

Vejamos um exemplo para Evidência (73) e para Justificação (74):

(73) 1. The program as published for calendar year 1980 really works.

2. In only a few minutes, I entered all the figures from my 1980 tax returns and got a result which agreed with my hand calculations to the penny. (Mann & Thompson, 1987: 10)

Como podemos verificar, a unidade 2 está numa relação de evidência com a unidade 1: a unidade 2 faz com que a crença do leitor sobre o que foi dito na unidade 1 aumente.

(74) 1. The next music day is scheduled for July 21 (Saturday), noon – midnight.

2. I’ll past more details later.

3. But this is a good time to reserve the place on your calendar. (Mann & Thompson, 1987: 10)

Neste exemplo, as unidades 2 e 3 estão numa relação de Justificação com a unidade 1. As duas últimas unidades informam o leitor (*reader*) qual o motivo pelo qual o escritor (*writer*) acha que pode pronunciar a unidade 1 sem entrar em mais detalhes (localização do evento).

As próximas relações retóricas a serem descritas são as relações de **Antítese** e **Concessão**. Estas duas relações partilham a propriedade de fazer com que o leitor tenha uma consideração positiva sobre o núcleo. Em contrapartida, diferenciam-se, também, uma da outra, pois a relação de Antítese é um subtipo de Contraste, enquanto Concessão não.

Vejamos um exemplo para a relação de Antítese:

- (75) 1. Farmington police had to help control traffic recently.
 2. When hundreds of people lined up to be among the first applying for jobs at the yet-to-open Marriott Hotel.
 3. The hotel's help-wanted announcement – for 300 openings – was a rare opportunity for many unemployed.
 4. The people waiting in the line carried a message, a refutation, of claims that the jobless could be employed if only they showed enough moxie.
 5. Every rule has exceptions,
 6. but the tragic and too-common tableaux of hundreds or even thousands of people snake-lining up for any task with a paycheck illustrates a lack of jobs,
 7. not laziness. (Mann & Thompson, 1987: 13)

Aqui, as unidades 6-7 ilustram uma relação de Antítese. A unidade 7 dá um aspeto positivo sobre a unidade 6

Quanto à relação de Concessão, uma forma de determinar esta relação é através do uso de 'embora' (*although*). Note-se que este 'embora' não necessita de estar exposto no texto, isto é, também pode surgir sob a sua forma paratática ('mas' / *but*). Veja-se o seguinte exemplo:

- (76) 17. Although Jim lists tennis, chinese food, and travel to exotic locates among his favorite hobbies,
 18. one can't help but wonder at the unmentioned interest that help spark Jim's creativity, leading him to concoct an unending stream at imaginative programs. (Mann & Thompson, 1987: 15)

Neste exemplo, o escritor considera o conteúdo das unidades 17 e 18 compatíveis e espera que o leitor reconheça essa compatibilidade e ao reconhecê-la irá ver o conteúdo da unidade 18 com um olhar positivo.

Na relação de **Circunstância**, o satélite define um quadro temporal ou espacial com o objetivo de interpretar o núcleo. Vejamos:

- (77)1. Probably the most extreme case of Visitors Fever I have ever witnessed was a few summers ago
 2. when I visited relatives in the Midwest. (Mann & Thompson, 1987: 48)

Aqui, o satélite, exemplificado pela unidade 2, atribui o enquadramento temporal para que seja possível interpretar a unidade 1.

No caso da relação retórica de **Solução** (*solutionhood*), existem dois termos fundamentais: ‘problema’ e ‘solução’. Estes dois conceitos são mais amplos do que o esperado. O problema engloba: questões, pedidos (pedidos de informação, por exemplo), descrição e desejos, objetivos, expressões de necessidade, condições que acarretam valores negativos (calamidades e frustrações, por exemplo).

(78) 1. One difficulty... is with sleeping bags in which down and feather fillers are used as insulation.

2. This insulation has a tendency to slip towards the bottom.

3. You can redistribute the filler.

4. ...11 (Mann & Thompson, 1987: 51)

As unidades 3-11 proporcionam a solução para o problema explicitado nas duas primeiras unidades.

A próxima relação a ser descrita é a relação de **Elaboração**. Neste tipo de relação, o satélite fornece informação detalhada sobre o núcleo.

(79) 1. Sanga – Saby – Kusgard, Sweden, will be the site of the 1969 International Conference on Computational Linguistics, September 1-4.

2. It is expected that more than 250 linguists will attend from Asia, West Europe, East Europe including Russia, and the United States.

3. The conference will be concerned with the application of mathematical and computer techniques to the study of natural languages, the development of computer programs as tools for linguistic research, and the application of linguistics to the development of man – machine communication systems. (Mann & Thompson, 1987: 53)

Neste exemplo, o núcleo é representado pela unidade 1 e as unidades 2 e 3 (satélites) fornecem a informação adicional detalhada sobre o núcleo.

Seguidamente, iremos tratar a relação retórica **Enquadramento**. Assim, o satélite fornece informação necessária para que o leitor compreenda aquilo que está a ser dito no núcleo.

(80) 1. Home addresses and telephone numbers of public employees will be protected from public disclosure under a new bill approved by Gov. George Deukmejian.

2. Assembly Bill 3100 amends the Government code, which required that the new public records of all state and local agencies, containing home addresses and telephone numbers of staff, be open to public inspection. (Mann & Thompson, 1987: 54)

Como podemos comprovar a partir deste exemplo, a unidade 2 fornece, como se tinha dito, a informação necessária para que o leitor compreenda o que se está a ser dito na unidade 1.

As próximas relações retóricas a serem apresentadas denominam-se **Capacidade** e **Motivação** e formam um subgrupo de relações retóricas. Ambas solicitam uma ação por parte do leitor. No entanto, enquanto a relação de Capacidade fornece informação necessária com o objetivo de aumentar a capacidade do leitor para executar uma determinada ação (através de pedidos, convites, sugestões) a relação de Motivação fornece informação com o objetivo de aumentar o desejo do leitor para efetuar a ação. Vejamos dois exemplos ilustrativos das duas relações referidas, respetivamente:

(81) 1. Training on jobs. A series of informative, inexpensive pamphlets and books on worker health discusses such topics as filing a compensation claim, ionizing radiation, asbestos, and several occupational diseases.

6. For a catalog and order write WIOES, 2522 Milvia St, Berkeley, CA 95704. (Mann & Thompson, 1987: 55)

No exemplo (81) a unidade 6 fornece a informação que capacita a encomenda do catálogo.

(82) 1. The Los Angeles Chamber Ballet (the ballet company I'm dancing with) is giving 4 concerts next week...

2. Tickets are \$7.50 except for the opening night...

3. The show is made up of new choreography and should be very entertaining.

4. I'm in 3 pieces. (Mann & Thompson, 1987: 56)

É possível verificar, no exemplo (82), que as unidades 3 e 4 motivam os trabalhadores do autor a assistirem ao espetáculo dando informação detalhada para que o desejo do leitor aumente.

O grupo seguinte a ser considerado é o das relações que envolvem causalidade. As relações que integram este grupo de Causa denominam-se **Causa voluntária**, **Causa não voluntária**, **Resultado voluntário**, **Resultado não voluntário e Propósito**.

A relação de Causa voluntária “involves the action of an agent, typically a person, who controls an action that yields the nuclear situation “(Mann & Thompson, 1987: 57). Pelo contrário, a Causa não voluntária “is the residue- consequentiality without a chosen outcome“ (Mann & Thompson, 1987: 57). De seguida serão ilustrados dois exemplos para os dois tipos de relações retóricas referidas acima, respetivamente.

- (83) 17. Writing has almost become impossible
18. so we have the typewriter serviced
19. and I may learn to type decently after all these years. (Mann & Thompson, 1987: 58)

No exemplo (83), a unidade 17 é a causa do que acontece nas unidades 18 e 19.

- (84) 1. ... we've been able to mine our own iron ore, coal, manganese, dolomite, all the materials we need
2. to make our own steel.
3. And because we can mine more than we need,
4. we've had plenty of manganese and iron are for export. (Mann & Thompson, 1987: 60)

Podemos ver que a causa para o que acontece na unidade 4 está na unidade 3.

Seguidamente, veremos as relações retóricas **Resultado voluntário** e **Resultado não voluntário**. No primeiro caso, o núcleo refere o que pode ter causado a situação expressa no satélite e o leitor reconhece que o núcleo pode ser o motivo do que é causado na situação apresentada pelo satélite. No segundo caso, o satélite é uma consequência do núcleo e o leitor reconhece que o núcleo pode ter causado a situação no satélite. Veremos, agora, dois exemplos para as relações de resultado voluntário e resultado não voluntário, respetivamente.

- (85) 5. Writing has almost become impossible
6. So we had the typewriter serviced
7. and I may learn to type decently after all these years. (Mann & Thompson, 1987: 62)

- (86) 1. The blast, the worst industrial accident in Mexico's history, destroyed the planet and most of the surrounding suburbs.
2. Several thousands people were injured,
3. and about 300 are still in hospital. (Mann & Thompson, 1987: 62)

No exemplo (86), a unidade 1 fornece a causa do que é apresentado nas unidades 2 e 3. A situação causadora é nuclear.

A relação retórica de **Propósito**, segundo Mann e Thompson (1987: 64), é facilmente identificável no exemplo que irá ser referido a seguir. O núcleo, identificado pela unidade 2, dá indicações para que o leitor saiba quais as disquetes que devem substituir as que o leitor está a usar. Vejamos:

- (87) 1. To see which Syncom diskette will replace the ones you're using now,
2. Send for our "Flexi- Finder" selection guide and the name of the supplier nearest you. (Mann & Thompson, 1987: 64)

Neste exemplo é possível verificar uma atividade na unidade nuclear (unidade 2) e uma situação não realizada no satélite (unidade 1). A atividade da unidade 2 fará com que a situação da unidade 1 seja realizada futuramente.

Seguidamente, temos o grupo das relações retóricas **Condição** e **Oposição**¹¹ (*otherwise*). Estas duas relações partilham a seguinte característica: "(...) realization of the situation in the nucleus has something to do with the realization of the situation in the satellite" (Mann e Thompson, 1987: 65). A única diferença existente entre os dois tipos é que, no caso da relação de Condição, a realização da situação nuclear depende da realização positiva da situação do satélite. No caso da relação de Oposição, a realização da situação

¹¹ Na definição da relação de Oposição (*otherwise*), em Mann e Thompson (1987), não está incluído o seguinte tipo de exemplo: "if A, then B. Otherwise (i.e., if not A, then) C." (Cf. Mann e Thompson, 1987: 67)

descrita no núcleo impede a realização da situação descrita no satélite. (cf. Mann & Thompson, 1987: 65).

Veja-se os dois exemplos seguintes ilustrativos das relações de Condição (88) e Oposição (89):

(88) 1. Employees are urged to complete new beneficiary designation forms for retirement or life insurance benefits

2. Whenever there is a change in marital or family status.

3. We have recently had cases where divorced spouses have received benefits

4. because the employee neglected to complete a new beneficiary form designating a new spouse or child. (Mann & Thompson, 1987: 66)

Aqui, a relação de Condição é assinalada pelo *whenever*. A situação descrita no núcleo depende da realização descrita no satélite.

(89) 1. It's new brochure time,

2. and that means a chance for new project write-ups.

3A. Anyone

4. desiring to update their entry in this brochure

3B. should have their copy in by Dec. 1.

5. Otherwise the existing entry will be used. (Mann & Thompson, 1987: 67)

Podemos verificar que a unidade 3 (unidade nuclear) irá impedir a realização da situação expressa na unidade 5.

O próximo grupo de relações retóricas engloba as relações de **Interpretação** e de **Avaliação** e estas duas relações “involve assessing nuclear material in terms of same frame of references that is not part of the subject matter of the nucleus itself” (Mann & Thompson, 1987: 67). A diferença tem a ver com o facto de a relação de Avaliação dizer respeito à situação descrita no núcleo, tendo em conta uma escala positiva, por parte do locutor, enquanto a relação de Interpretação refere-se à situação nuclear no âmbito de qualquer outro quadro de ideias. Observemos um exemplo de Interpretação e um exemplo de Avaliação, respetivamente:

(90) 1. Steep declines in capital spending commitments and building permits, along with a drop in the money stock pushed the leading composite down for the fifth time in the past 11 months to a level of 5% below its high in May 1984.

2. Such a decline is highly unusual at this stage in an expansion. (Mann & Thompson, 1987: 67)

No exemplo mencionado, o satélite da unidade 2 relaciona o núcleo da unidade 1 a um quadro de ideias que interpreta o declínio referido na unidade 1.

(91) 1. Features like our uniquely sealed jacket and protective hub ring make our discs last longer.

2. And a soft inner liner cleans the ultra- smooth disc surface while in use.

3. It all adds up to a better performance and reliability. (Mann & Thompson, 1987: 69)

A unidade 3 faz uma avaliação do conhecimento apresentado nas unidades 1 e 2 no que diz respeito à consideração positiva do escritor.

Partiremos, agora, para o conjunto de relações retóricas denominadas **Atualização** e **Sumário**. Estes dois tipos de relações retóricas lidam com atualizações, mas diferem no tamanho da atualização. A relação de Atualização dá-se quando o tamanho do satélite é o mesmo que o tamanho do núcleo. Pelo contrário, a relação de Sumário é verificada quando o satélite é bastante menor do que o núcleo. Vejamos os seguintes exemplos elucidativos das relações retóricas descritas:

Atualização

(92) 1. A well – groomed car reflects its owner

2. The car you drive says a lot about you. (Mann & Thompson, 1987: 71)

Aqui, a unidade 2 faz uma reafirmação do que foi dito na unidade 1

Sumário

(93) 1. For top quality performance from your computer, use the flexible discs known for memory excellence

16. it's a great way to improve your memory and get a big bonus in computer performance. (Mann & Thompson, 1987: 72)

A unidade 16¹² faz um sumário do que foi dito na unidade 1.

O último conjunto de relações retóricas engloba as relações de **Sequência** e **Contraste**. Estas duas relações têm vários núcleos. No primeiro caso, há uma relação entre as situações dos vários núcleos. No segundo caso, não pode haver mais do que dois núcleos e as situações desses dois núcleos: (i) são similares em vários aspetos; (ii) são diferentes em vários aspetos; (iii) são comparadas a uma ou mais dessas diferenças.

Vejamos os respetivos exemplos:

- (94) 1. Peel oranges
2. and slice crosswise.
3. Arrange in a bowl
4. and sprinkle with rum and coconut
5. Chill until ready to serve. (Mann & Thompson, 1987: 74)

As receitas de culinária são um bom exemplo de relação de Sequência.

- (95) 1. Animals heal,
2. but trees compartmentalize.
3. They endure a lifetime of injury and infection
4. by setting boundaries that resist the spread of the invading microorganisms. (Mann & Thompson, 1987: 75)

Neste último exemplo, a relação retórica de Contraste é visível na unidade 1 e 2. As árvores e os animais têm muitos aspetos em comum mas são muito diferentes noutros aspetos. As duas unidades abordam essas diferenças.

Para descobrir a relação retórica certa, o leitor tem de fazer juízos baseados no contexto e nas intenções do escritor.

Para concluir, atentemo-nos em alguns comentários feitos por Silvano (2010):

A RST é uma ferramenta analítica bastante útil que facilita o estudo de determinados fenómenos linguísticos.

¹² Mann e Thompson (1987: 72) não mencionam as unidades entre a unidade 1 e a unidade 16 no exemplo (93).

Outra vantagem desta teoria tem a ver com as noções fundamentais de Núcleo e Satélite que, por sua vez, facultam uma útil descrição do discurso e das frases complexas e explicam porque nem sempre é a última unidade a ser conectada à unidade anterior.

Para Silvano (2010), a proposta de Mann e Thompson apresenta, também, algumas desvantagens. Uma delas tem que ver com o facto de a definição das relações retóricas ser baseada apenas nas intenções do escritor ou do leitor, descurando, assim, a contribuição de outras informações úteis. Para além disso, a *Rhetorical Structure Theory* aplica restrições ao discurso que são demasiado rígidas, como é o caso da impossibilidade em haver mais do que uma relação retórica a ligar duas unidades discursivas. Assim sendo, segundo Silvano (2010: 188), quando o leitor é confrontado com duas relações retóricas diferentes, ele tem de escolher uma delas, o que não é a melhor forma de resolver o problema.

4.1.3. Asher e Lascarides (2003)

Asher e Lascarides (2003) apresentam “*Segmented Discourse Representation Theory*” (SDRT). Na verdade, Asher (1993) já teria desenvolvido algo sobre esta teoria dez anos antes como uma extensão da *Discourse Representation Theory*, de Kamp e Reyle (1993) para que se pudesse adicionar contributos de outras propostas semânticas e “capture some inferences about the content derived from the discursive cohesion treated within pragmatics” (Silvano, 2010: 197). No entanto, a DRT apresentava alguns problemas no que toca à resolução de algumas questões linguísticas, nomeadamente quanto à resolução de anáforas, em particular anáforas temporais.

Segundo Silvano (2010: 197-198), de forma a resolver estas questões e para poderem obter uma melhor interpretação discursiva, Asher e Lascarides chegaram à conclusão de que era preciso uma noção mais enriquecedora da estrutura discursiva, que poderia ser alcançada através da introdução na DRT do conceito de ‘relação retórica’. Segundo os dois autores, as relações retóricas retratam de uma melhor forma a interação entre o significado de um texto e a sua estrutura e, conseqüentemente, possibilitam um discurso mais claro e preciso do que meramente “the append-based process applied in DRT” (Silvano, 2010: 198). Para além disso, para os autores, as relações retóricas “link together the utterances- or, more accurately, the meanings or “contents” those utterances convey” (Asher and Lascarides, 2003: 3) e

dispõem de contributos sólidos que determinam as leituras adequadas a serem feitas dos pronomes anafóricos e das anáforas temporais.

De acordo com Silvano (2010), algumas lacunas na análise semântico-dinâmica levaram os autores a discutir a possibilidade de uma extensão da teoria com contributos de carácter pragmático. Porém, esses contributos têm de respeitar uma cláusula: o papel desempenhado pelos estados cognitivos na interpretação do discurso deve permanecer limitado, para que a teoria possa ser uma teoria linguística com explicações linguísticas. Tendo em conta Silvano (2010: 198), de modo a atingir esse objetivo, Asher e Lascarides sugerem:

- (i) modelar o significado linguístico dos textos e a compreensão linguística do falante;
- (ii) recorrer às intenções e desejos dos falantes apenas quando necessário;
- (iii) descortinar a informação intrínseca sobre os estados cognitivos a partir do que é dito pelo falante e não vice-versa.

Assim, conforme Silvano (2010: 198), esta teoria considera duas importantes faculdades do conhecimento: o conhecimento linguístico e o conhecimento não linguístico. O primeiro tipo de conhecimento aqui mencionado representa diferentes fontes informacionais, nomeadamente léxico e a semântica composicional. O segundo tipo de conhecimento (conhecimento não linguístico) diz respeito ao conhecimento do mundo e aos estados cognitivos dos interlocutores. Enquanto o conhecimento linguístico é considerado como o mais importante, o conhecimento não linguístico ajuda a resolver problemas causados pela gramática. As fontes do conhecimento, combinadas com a semântica das relações retóricas, apresentam os parâmetros mais adequados para que se possa descobrir quais as relações retóricas que ligam dois enunciados diferentes e, dessa forma, fazer com que o discurso flua. No modelo de Asher e Lascarides (2003), o processo de dedução de uma relação retórica resulta de um complexo raciocínio anulável (*defeasible reasoning*), que pode ser utilizado para:

- (i) moldar a interpretação pragmática do texto;
- (ii) escolher a partir de um vasto leque de possíveis representações semânticas do texto qual a representação mais apropriada;

(iii) edificar a estrutura semântica do texto. (cf. Lascarides & Oberlander, 1993:1 in Silvano, 2010: 198).

Quanto à forma como o raciocínio anulável funciona, (Silvano, 2010: 199):

“The SDRT separates the different knowledge or information sources into distinct reasoning modules with different but interactive logics. The connection between all the modules and logics is carried out by the glue logic or the logic of information packaging, which, however, has limited access to the inferences from other logics, so that information can be computable.” (Silvano, 2010: 199)

Vejamos o esquema que traduz o que foi dito:

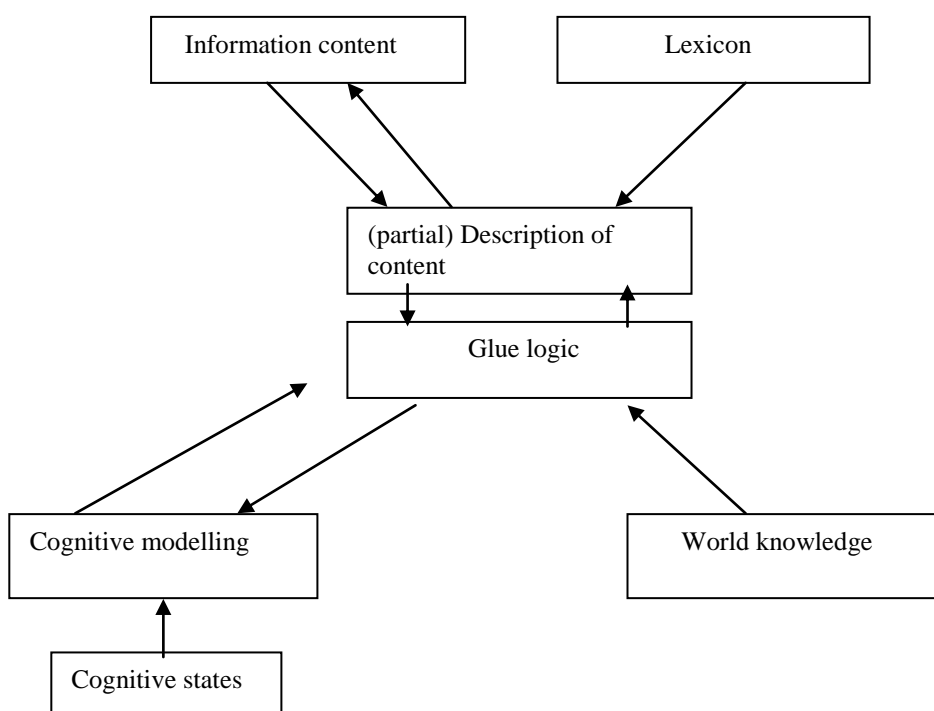


Figura. 3. A interação das lógicas que contribuem para a interpretação do discurso (adaptado de Asher e Lascarides, 2003: 431 por Silvano, 2010: 199)

Segundo Silvano (2010: 199), as relações retóricas são inferidas a partir de esquemas de axiomas. Esses esquemas de axiomas estabelecem a forma como a inferência das relações retóricas decorre da informação recolhida das diferentes fontes do conhecimento. Vejamos o esquema de axiomas:

(96) (? (α, β, λ) \wedge some stuff) $>$ $R(\alpha, \beta, \lambda)$

O esquema mencionado é explicado da seguinte forma:

“ α, β, λ are metalinguistic variables over labels; *some stuff* concerns the wellformed formulae that define the properties of α, β, λ ; and \wedge and $>$ are logical connectives, meaning “and” and “then, normally”, respectively. This schema axiom can be glossed as follows: if β is attached to α with a discourse relation in some constituent λ , and “some stuff” about α, β and λ holds, then, normally, the discourse relation is R .” (Silvano, 2010: 200)

Durante o processo de inferência há várias informações a competir. É a *glue logic* que resolve esses problemas assentando alguns princípios. Por exemplo, o *Principle of Maximizing Discourse Coherence* diz que o discurso é tão mais coerente quantas mais relações retóricas tiver e quanto menos condições subespecificadas houver.

Asher e Lascarides (2003) acrescentam ainda etiquetas do tipo π_1, π_2, \dots para rotular o conteúdo de orações, frases ou unidades linguísticas de maior extensão. A teoria envolve outros conceitos e formalização que são bastante complexos e não trataremos todos os casos aqui¹³.

Quando construímos a forma lógica do discurso, encontramos dois casos de subespecificação que têm de ser resolvidas: “one concerning the range of rhetorical relations that can connect them to the previous sentences; and the other concerning the available attachment points to which the sentences can be linked.” (Silvano, 2010: 201-202). Em ambos os casos, a subespecificação surge como consequência da falta de informação gramatical criando, assim, fissuras que vão sendo preenchidas à medida que o discurso se vai atualizando.

Segundo Asher e Lascarides (2003), existem cinco classes diferentes de relações retóricas: (i) *content-level relations*; (ii) *text structuring relations*; (iii) *cognitive-level relations*; (iv) *divergent relations*; (v) *metatalk relations*.

¹³ Para mais informações veja-se Asher e Lascarides (2003: 138-139).

Como Silvano (2010: 203-204) afirma, a classe *content-level relations* é ainda dividida em 3 subclasses (*content-level relations* para declarativas, *content-level relations* que envolvem interrogativas e *content-level relations* que envolvem imperativos) e inclui as relações que são definidas tendo em conta as situações que são introduzidas. *Text structuring relations* estão relacionadas com a estrutura em que as situações são representadas. Já a classe *cognitive-level relations* têm a ver com as relações que podem ser inferidas em diálogos e são definidas tendo em conta as intenções e crenças expressas pelos sujeitos do diálogo. As relações retóricas integradas na classe *divergent relations*, tal como em *text-structuring level*, são definidas em termos de estrutura dos seus constituintes e a sua semântica está relacionada com conflitos existentes nos diálogos. Por fim, *metatalk relations*, “relates the content of one utterance to the performance of uttering another, thus focussing on speech acts related goals” (Silvano, 2010: 204).

Neste ponto apresentam-se as relações retóricas mais importantes de Asher e Lascarides (2003)¹⁴, embora, como se verá mais abaixo, nem todas se aplicam aos fragmentos textuais selecionados. Assim, começamos com as relações retóricas inseridas na classe das *content-level relations*.

A primeira relação retórica a ser aqui apresentada é a relação de **Alternância**. Esta relação é equivalente à conjunção ‘ou’. Vejamos o seguinte exemplo:

(97) a. John is being very quiet just now.

(...)

b. Either John didn’t solve the problem or else Mary realized that the problem’s been solved. (Asher e Lascarides, 2003: 24)

(97b) fornece duas possibilidades contrastantes para a situação explicitada em (97a). Podemos ligar as orações de (97b) com uma relação indicando que são disjuntos contrastantes.

Em seguida, temos a relação retórica de **Enquadramento**. Neste tipo de relação, um constituinte dá a informação necessária sobre tudo o que se passa na vizinhança da situação

¹⁴ Neste trabalho, dentro do quadro teórico de Asher e Lascarides (2003), apenas iremos abordar as duas primeiras classes de relações retóricas (*content-level relations* e *text-structuring level relations*), pois é no âmbito dessas duas classes (entre outras propostas teóricas referidas anteriormente) que iremos analisar o nosso *corpus*.

descrita no outro constituinte. A consequência temporal que advém da relação de Enquadramento é a sobreposição temporal. Segue-se um exemplo de Enquadramento:

(98) Max entered the room. It was pitch dark. (Asher e Lascarides, 2003: 165)

Como podemos ver, o segundo constituinte dá a informação sobre o espaço envolvente em que a situação do primeiro constituinte ocorre.

A seguir temos a relação retórica de **Consequência**. Neste tipo de relação, um dos constituintes é uma consequência do outro constituinte. Vejamos o seguinte exemplo:

(99) If there is a bathroom, then it's in a funny place. (Asher e Lascarides, 2003: 461)

Aqui, a palavra-pista é 'se...então' (*if...then*). A interpretação para este exemplo é o seguinte: suponhamos que existe uma casa de banho, então está localizada num sítio estranho.

Uma outra relação retórica muito relevante é a relação de **Narração**. Esta relação acontece quando os constituintes expressam eventualidades que ocorrem exatamente na mesma ordem em que são descritos. O seguinte exemplo ilustra esta relação retórica:

(100) Max fell. John helped him up. (Asher e Lascarides, 2003: 162)

Em (100), os eventos acontecem exatamente na ordem temporal em que eles são descritos. Como os autores explicam, "if Narration (π_1, π_2) holds, then the poststate of e_{π_1} ¹⁵ must overlap, both in space and time, with the prestate of e_{π_2} . To put it another way, where things are at the end of e_{π_1} is where there are at the beginning of e_{π_2} ." (Asher e Lascarides, 2003: 162)

A relação de **Continuação** é como a relação de Narração, mas sem as consequências espaciais e temporais, como se pode ver no seguinte exemplo em que não há as consequências espaço-temporais como na Narração. As eventualidades b-d podem ser descritas sem qualquer ordenação temporal e espacial.

¹⁵ π é usado por Asher e Lascarides (2003) para rotular um constituinte. e é usado também pelos autores para descrever as eventualidades.

- (101) a. The teacher asked the students to look for the lost cat.
b. John looked under the table.
c. Mary looked in the garden.
d. Max searched all the cupboards. (Asher e Lascarides, 2003: 461)

Quanto à relação retórica **Consequência anulável**, o significado intrínseco é “ se *A* então, normalmente *B*”. Esta relação é muito útil para interpretar pressuposições. Vejamos:

- (102) If John scubadives, he'll bring his regulator. (Asher e Lascarides, 2003: 461)

Aqui podemos pressupor que se o John for praticar mergulho, então ele trará o seu regulador.

Iremos passar agora para a relação retórica de **Elaboração**. Esta relação surge quando as situações descritas no segundo constituinte (ou nos constituintes seguintes) são partes mereológicas do primeiro constituinte. Eis um exemplo:

- (103) Alexis did really well in the school this year. She got As in every subject. (Asher e Lascarides, 2003: 159)

Como podemos verificar, o segundo constituinte é uma parte do primeiro constituinte.

Vejamos agora duas relações retóricas aparentadas: a **Explicação** e o **Resultado**. Na primeira, Explicação, a situação do segundo constituinte descreve o motivo do acontecimento da primeira situação.

- (104) Max fell. John pushed him. (Asher e Lascarides, 2003: 462)

Neste caso, o segundo constituinte está a descrever o que causou a situação do primeiro constituinte (o Max caiu porque o John o empurrou).

Na relação retórica de **Resultado**, é feita a ligação entre a causa (primeiro constituinte) ao seu efeito (segundo constituinte). Esta relação é o inverso da relação de Explicação, na medida em que surge em primeiro lugar a causa e depois o efeito. Portanto, no exemplo (105), o efeito de o John ter empurrado o Max foi este ter caído.

- (105) John pushed Max. He fell (Asher e Lascarides, 2003: 463)

Por fim, consideram-se as relações retóricas incluídas nas *text structuring level relations*. As que teremos em consideração serão as de **Contraste** e de **Paralelismo**. Quanto à primeira, este tipo de relação dá-se quando “ K_α ¹⁶ e K_β have similar semantic structures and when it is established between them a contrasting theme.” (Silvano, 2010: 206). A relação é escalar, ou seja, quanto maior for o grau de contraste, melhor é a relação retórica. Importa esclarecer que existem dois tipos de Contraste: (i) contraste formal e (ii) violação de expectativa. Vejamos dois exemplos dos dois casos de contraste, respetivamente:

(106) John speaks French. Bill speaks German. (Asher e Lascarides, 2003: 168)

(107) John loves sports. But he hates football. (Asher e Lascarides, 2003: 168)

Os autores começam por explicar o exemplo (106) afirmando “ (...) default world knowledge would not lead us to believe that because John speaks French Bill doesn’t speak German, i.e., the second clause does not deny a default consequence of the first clause. However, the contrast relation between them does invite us to infer (as implicatures) that (a) Bill doesn’t speak French and (b) John doesn’t speak German.” (Asher e Lascarides, 2003: 168). Quanto ao exemplo (107), estamos perante um caso de violação de expectativa, como dito anteriormente. Neste caso, há a seguinte implicação lógica: se o futebol é uma modalidade desportiva e se John gosta de desporto, então John gosta de futebol. Como John não gosta de futebol, então constata-se uma violação da expectativa de ele gostar de futebol.

Quanto à relação retórica de **Paralelismo**, esta relação dá-se quando “ K_α e K_β have similar semantic structures and when it is established between them a common theme. (Silvano, 2010: 206) Esta relação também é escalar e quanto mais informação melhor é a relação retórica. Vejamos o seguinte exemplo:

(108) John loves sports. Bill loves sports too. (Asher e Lascarides, 2003: 466)

Como podemos conferir, há um tema em comum que é o facto de os dois indivíduos gostarem de desporto. O gosto de John pelo desporto “é paralelo” ao gosto de Bill pelo desporto.

¹⁶ K , em Asher e Lascarides (2003), é usado para representar uma estrutura.

Vejamos agora tudo o que foi dito sobre as relações retóricas de Asher e Lascarides (2003) nos seguintes quadros:

Relação Retórica	Definição	Exemplo
Alternância (α, β)	Relação retórica equivalente à conjunção <i>ou</i>	a. John is being very quiet just now. (...) b. Either John didn't solve the problem or else Mary realised that the problem's been solved.
Enquadramento (α, β)	Neste tipo de relação, um constituinte dá a informação necessária sobre tudo o que se passa nas imediações em que a situação descrita no outro constituinte ocorre.	Max opened the door. The room was pitch dark.
Consequência (α, β)	Nesta relação retórica, um dos constituintes é uma consequência do outro constituinte.	If there is a bathroom, then it's in a funny place.
Narração (α, β)	Esta relação acontece quando os constituintes expressam eventualidades que ocorrem exatamente na mesma ordem em que são descritos.	Max fell. John helped him up.
Continuação (α, β)	Esta relação é como a relação de Narração, mas sem as consequências espaciais e temporais.	a. The teacher asked the students to look for the lost cat. b. John looked under the table. c. Mary looked in the garden. d. Max searched all the cupboards.
Consequência anulável (α, β)	Esta relação descreve uma consequência anulável.	If John scubadives, he'll bring his regulator.
Elaboração (α, β)	Esta relação surge quando as situações descritas no segundo constituinte são partes mereológicas do primeiro constituinte.	Alexis did really well in the school this year. She got As in every subject.
Explicação (α, β)	Observa-se esta relação quando a segunda situação descreve o motivo do acontecimento da primeira situação.	Max fell. John pushed him.
Resultado (α, β)	Esta relação liga uma causa ao seu efeito.	John pushed Max. He fell.

Quadro 6. *Content-level relations for indicatives* de Asher e Lascarides (2003) (Silvano, 2010:205-206)

Relação Retórica	Definição	Exemplo
Contraste (α, β)	Este tipo de relação dá-se quando “ K_α e K_β have similar semantic structures and when it is established between them a contrasting theme.” (Silvano, 2010: 206) A relação é escalar. Dois tipos de relação de Contraste: Contraste formal e Violação da expectativa.	John speaks French. Bill speaks German. John loves sport. But he hates football.
Paralelismo ($\alpha \beta$)	Esta relação dá-se quando “ K_α e K_β have similar semantic structures and when it is established between them a common theme” (Silvano, 2010: 206). Esta relação também é escalar.	John loves sport. Bill loves sport too.

Quadro 7: *Text structuring relations* de Asher e Lascarides (2003) (Silvano, 2010: 206)

Em suma, como Silvano (2010) adianta:

A teoria de Asher e Lascarides (*Segmented Discourse Representation Theory*) é uma teoria dinâmica e semântica que faz o paralelismo entre a semântica e a pragmática e capta com precisão todas as contribuições dessas duas áreas da linguística. Na verdade, a SDRT, por apresentar ferramentas da semântica composicional, enriquece a análise do discurso.

A proposta destes dois autores é caracterizada por ter princípios e mecanismos muito precisos e isso leva a uma representação muito bem fundamentada do discurso.

Precisamente, uma das vantagens da SDRT é a investigação aprofundada das relações retóricas e, conseqüentemente, resulta em definições e caracterizações mais sólidas. Esta última característica é decisiva na escolha da melhor relação retórica e da sua interpretação.

A combinação da formalização dos elementos na interpretação do discurso com a estipulação de restrições semânticas na análise das relações retóricas faz com que esta teoria seja a mais completa para analisar o discurso.

4.1.4. Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010)

Silvano e Cunha (2009) dão conta que o processo de inferência das relações retóricas pode recair ou na organização temporal ou noutros fatores, nomeadamente, no léxico, na semântica composicional e no conhecimento do mundo. Estas duas fontes de inferência são diferentes na medida em que, na primeira, a relação de interdependência semântica é fraca, e na segunda, a relação de interdependência semântica entre as duas situações é bastante forte.

De acordo com os autores, o facto de haver diferentes características no que diz respeito à interdependência semântica das orações temporais de ‘quando’ (*when-clauses*) levou-os a considerarem uma proposta teórica que consistia em dividir as relações retóricas no quadro da SDRT, de Asher e Lascarides (2003), em dois grupos distintos: (i) relações retóricas extrínsecas; (ii) relações retóricas intrínsecas. No primeiro caso estão incluídas as relações retóricas de Narração, Enquadramento e Continuação e “a ligação discursiva surge por defeito, estabelecendo-se ao nível da estrutura externa das predicacões e, no segundo grupo, do qual fazem parte as relações retóricas de Explicação, de Resultado e de Elaboração,

a conexão retórica entre as situações é determinada por fortes elos semânticos, surgindo ao nível da estrutura interna das predicções.” (Cunha e Silvano, 2009: 243).

Os traços distintivos destes dois conjuntos de relações retóricas são encontrados no processo de inferência: se, por um lado, como dito anteriormente, a inferência das relações retóricas extrínsecas é feita a partir da organização temporal das situações expressas, por outro lado, a inferência das relações retóricas intrínsecas é o resultado da interação entre a semântica composicional, o léxico e o conhecimento do mundo. Essas fontes, neste último tipo de relações retóricas, irão determinar a organização temporal.

Dentro deste quadro teórico, Silvano (2010:212) afirma que “ this proposal serves the aim of, on the one hand, understanding better how the process of inference works and which the relevant sources are and, on the other hand, endows us with more distinctive features of rhetorical relations.”

Passamos agora para um outro conjunto de relações retóricas, desta vez proposto por Silvano (2010). A autora diz que o conjunto de relações retóricas denominado *text structuring relations* de Asher e Lascarides (2003) não inclui relações retóricas que deem conta da semântica da conexão discursiva do *corpus* do seu trabalho de 2010 (orações adverbiais). Dessa forma, decidiu apresentar um conjunto de relações constituído por duas novas relações retóricas: Enquadramento (*Frame*) e Especificação (*Specification*). Vejamos os seguintes exemplos:

(109) When João woke up, he had a bath. (Silvano, 2010: 246)

(110) João had a bath when he woke up. (Silvano, 2010: 246)

Ora, no primeiro exemplo, a um nível macro-estrutural, a oração começada por ‘quando’ (*when*) enquadra a situação da oração matriz. No segundo exemplo, a situação da oração subordinada especifica a situação da oração matriz. As diferentes leituras das frases são consequência da posição que o conector ‘quando’ ocupa (Silvano, 2010: 246). Portanto, “Whenever the subordinate clause occupies the initial position, the situation represented by it establishes a relation of Frame with the situation of the main clause. Whenever it occupies the

final position, the situation of the subordinate clause is linked to the situation of the main clause by the relation of Specification” (Silvano, 2010: 246)

Sumário

Num primeiro momento definimos, em linhas gerais, as relações retóricas e estabelecemos as principais características. Depois, delineamos quais os quadros teóricos que iríamos usar neste trabalho e chegamos à conclusão que as propostas teóricas de Hobbs (1985), Mann e Thompson (1987), Asher e Lascarides (2003), Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010) seriam as mais apropriadas.

Hobbs (1985) é de extrema importância, pois foi um dos pioneiros no assunto das relações retóricas (relações de coerência). Mann e Thompson (1987) introduziram os conceitos de ‘núcleo’ e ‘satélite’ na representação das relações retóricas. Para eles, no núcleo estaria contida a informação principal e no satélite estaria contida a informação secundária sobre uma determinada situação. Asher e Lascarides (2003) desenvolveram uma proposta teórica bastante formalizada e detalhada. A teoria destes dois autores assenta nos estudos semânticos de Kamp e Reyle (1993), incluindo aspetos da Pragmática. Finalmente, Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010) deram igualmente os seus contributos neste assunto. Cunha e Silvano (2009) dividiram as relações retóricas em dois tipos diferentes (relações extrínsecas e intrínsecas) e Silvano (2010) criou duas novas relações retóricas que dessem conta das características das orações subordinadas adverbiais (Enquadramento (*Frame*) e Especificação (*Specification*)).

4.2. Análise de fragmentos do conto ‘Melchior’

Passamos agora para o segundo ponto deste capítulo que é dedicado à análise do nosso *corpus*: fragmentos textuais do conto ‘Melchior’.

4.2.1. O objeto de estudo e proposta de análise

Analisar texto é um campo absolutamente inesgotável e, por isso, tivemos de delinear quais os nossos objetivos e prioridades para este trabalho. Assim, numa primeira parte,

selecionamos qual o género textual a ser estudado e que áreas pretendíamos trabalhar dentro do texto. Assim, escolhemos o conto ‘Melchior’ de Sophia de Mello Breyner Andresen, inserido no livro *Contos Exemplares* também de Sophia de Mello Breyner Andresen. Uma vez escolhido o texto, foi preciso cingir o nosso objeto de estudo e optámos por deixar de parte todas as falas do texto e analisar apenas a narrativa, pois as falas funcionam como pequenos interregnos e colocam outros tipos de problemas que não analisaremos aqui. De seguida, tomámos a decisão de fazer uma análise a pequenos fragmentos do conto

Na primeira parte deste capítulo expusemos quais as propostas teóricas mais importantes para o tema em questão. Portanto, decidimos que seriam as propostas teóricas de Hobbs (1985), Mann e Thompson (1987) e Asher e Lascarides (2003) aquelas que fariam parte do nosso enquadramento teórico porque mostravam, por um lado, conceitos e noções no começo do estudo nesta área e, por outro lado, a evolução da mesma.

Para a análise do texto selecionado decidimos seguir os modelos teóricos de Mann e Thompson (1987) e Asher e de Lascarides (2003), por serem os mais adequados e os mais completos.

4.2.2. A análise de fragmentos textuais do conto ‘Melchior’

O objetivo fundamental deste trabalho é o de determinar quais as relações retóricas e temporais existentes em fragmentos de um conto. Dessa forma, recolhemos um texto que apresentasse variedade de tempos verbais e em que se observasse variedade de relações retóricas. Com essa finalidade, decidimos analisar o conto ‘Melchior’ retirado do livro *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen. Como foi dito anteriormente, apenas são analisados fragmentos do texto.

Por uma questão de organização, iremos abordar as relações retóricas encontradas nos fragmentos selecionados apresentando exemplos ilustrativos.

Embora o título do conto seja ‘Melchior’, a questão fundamental que é abordada ao longo do texto é a da placa de barro. Isso verifica-se ao longo de todo o texto e no início do conto em que a ‘placa de barro’ é antecedida do artigo definido. Por outro lado, o primeiro tempo verbal é o Pretérito-Mais-Que-Perfeito que é, como se sabe, um tempo anafórico em português. A conjugação destas duas características iniciais do texto apontam para a sugestão

de que o início do conto parece a continuação de algo anterior, sugerindo que o leitor já tivesse conhecimento do que era a placa de barro.

(111) A placa de barro tinha passado de geração em geração, de idade em idade, de mão em mão. (linhas 1-2)¹⁷

Várias são as relações retóricas que se podem observar nos fragmentos.

A primeira relação retórica que vamos considerar é a relação de **Elaboração**. Antes de mais, é necessário explicar que encontramos, no nosso *corpus*, fragmentos que pareciam fazer uma descrição/ caracterização de uma determinada entidade. Na literatura diz-se que a relação retórica de Elaboração faz descrição de uma situação, no entanto, nada diz acerca deste fenómeno que encontramos no *corpus*. Assim sendo, propomo-nos criar uma nova relação retórica (um subtipo da relação de Elaboração) que se denomina ‘Elaboração E’. Esta relação caracteriza e descreve uma entidade e fornece informação adicional sobre essa mesma entidade. De modo a compreendermos este fenómeno, iremos “rebatizar” a relação de Elaboração de Asher e Lascarides (2003) e passará a chamar-se ‘Elaboração S’. Passamos a delinear um quadro com a especificação e exemplificação dos dois tipos de relação de Elaboração:

Relação retórica	Especificação	Exemplo
Elaboração S	Caracterização/ descrição de uma determinada situação. Parte-se do geral para o particular.	O João e a Maria tiveram um almoço maravilhoso: a. comeram as entradas. b. escolham lagosta como prato principal. c. beberam vinho.
Elaboração E	Caracterização/ descrição de uma determinada entidade. Dá-se Informação adicional sobre a entidade.	A Maria é uma rapariga de 23 anos. Ela alta, tem olhos azuis, cabelo loiro e é muito simpática.

Quadro 8: Subtipos da relação retórica de Elaboração

Vejamos os exemplos encontrados no corpus para a relação retórica de Elaboração E:

¹⁷ Veja-se os anexos. Todas as linhas dos exemplos que são referidas no ponto 4.2.2. são remetidas para as linhas do texto que se encontra nos anexos.

(112) A placa era um pequeno retângulo de argila, enegrecido pelo tempo, de aspeto frágil, pobre e gasto. Era um prodígio que tivesse atravessado, sem se perder, tantos séculos de ruínas e opulências, saques, incêndios e guerras. Era um prodígio que tivesse podido atravessar sem se perder a ambição, a violência, a agitação e a indiferença dos homens. Estava ali, no palácio, alinhada ao lado de milhares de placas que enumeravam vitórias, batalhas, massacres e riquezas. Os seus caracteres estavam semiapagados pelo tempo e a sua escrita era tão antiga que se tornava difícil decifrá-la com exato rigor. Muitas leituras eram possíveis. (linhas 5-15)

(113) Parecia extremamente pequena e insignificante, no meio de tanto espaço e opulência, parecia um detrito das eras antigas que ali tinha sido abandonado pelo tempo. (linhas 35-38)

(114) Primeiro vieram os historiadores, aqueles que tinham aprendido toda a ciência das bibliotecas e que conheciam até ao menor detalhe a escrita, a linguagem, os usos, os costumes, os anais e os códigos dos tempos idos. (linhas 19-22)

Como podemos observar, na Elaboração E, estamos a fazer uma descrição de uma entidade (a placa de argila, os historiadores). São utilizados fundamentalmente estados combinados com o Pretérito Imperfeito do Indicativo. Acresce que, em (113) estamos perante um comentário que é verificável através das expressões estativas “parecia extremamente pequena e insignificante”, “parecia um detrito das eras antigas”.

De notar que em (114), no primeiro segmento do exemplo (“primeiro vieram os historiadores, aqueles que tinham aprendido toda a ciência das bibliotecas”) obtemos uma relação de Narração, mas de uma forma invertida¹⁸. Ou seja, as eventualidades estão a ser narradas (tal como na relação retórica de Narração) mas as situações não acontecem na ordem em que são expressas no texto. As situações combinadas com o Pretérito-Mais-Que-Perfeito localizam-se antes de “primeiro vieram os historiadores”. Quanto à relação temporal, a segunda situação está numa relação de anterioridade com a primeira situação. A esta primeira parte do exemplo, acrescentamos que ‘primeiro’ está a localizar temporalmente todo o excerto. Tudo o que vem a seguir localiza-se posteriormente à chegada dos historiadores, mas ordenando relativamente à estrutura do texto. Está a estabelecer uma ordem. Finalmente, a segunda parte do exemplo (“e que conheciam até ao menor detalhe a escrita, a linguagem, os usos, os costumes, os anais e os códigos dos tempos idos”) está a estabelecer uma relação de

¹⁸ Cunha, Leal e Silvano (2008) chamam a esta relação retórica de Narração Invertida. Já Alves (2002) denomina-a ‘Retro-Narração’.

Elaboração com “primeiro vieram os historiadores”, isto é, está a acrescentar detalhes, está a caracterizar as competências dos historiadores.

Os dois exemplos seguintes, (115) e (116), são ilustrativos da relação de Elaboração que descreve situações (Elaboração S). No exemplo (115) há uma relação de Narração entre “Melchior propôs-lhes as dúvidas (...)” e “os letrados estudaram o texto”, e estas duas situações têm uma relação de Elaboração com “e no mês seguinte reuniu-se no palácio real a assembleia dos letrados.”. O tempo verbal utilizado é o Pretérito Perfeito do Indicativo combinado com eventos. O mesmo se verifica no exemplo (116): há uma relação de Narração entre “Melchior propôs-lhes as dúvidas (...)” e “e a nova assembleia deliberou durante trinta dias” e uma relação de elaboração entre estas duas situações e “e no mês seguinte reuniram-se no palácio os homens sábios.”. O tempo verbal utilizado volta a ser o Pretérito Perfeito do Indicativo combinado com eventos. A consequência temporal da Relação de Elaboração nestes dois exemplos é de inclusão.

(115) E no mês seguinte reuniu-se no palácio real a assembleia dos letrados.¹⁹
Melchior propôs-lhes as dúvidas e as interpretações dos historiadores e durante trinta dias os letrados estudaram o texto. (linhas 88-92)

(116) E no mês seguinte reuniram-se no palácio os homens sábios. Melchior propôs-lhes as dúvidas dos historiadores e dos letrados e a nova assembleia deliberou durante trinta dias. (linhas 125-127)

Como foi dito anteriormente, embora a maior parte das relações retóricas utilizadas sejam propostas por Asher e Lascarides (2003), pareceu necessário recorrer a duas relações retóricas de Mann e Thompson (1987) como é o caso da seguinte, **Solução**, e uma outra que analisaremos mais à frente (Resultado Voluntário).

Atentemo-nos no seguinte excerto em que se observa a relação retórica de Solução:

(117) Os seus caracteres estavam semiapagados pelo tempo e a sua escrita era tão antiga que se tornava difícil decifrá-la com exato rigor. Muitas leituras eram possíveis. Por isso o rei Melchior convocou três assembleias de sábios para que juntos averiguassem qual era a justa interpretação daquele texto antiquíssimo. (linhas 13-18)

¹⁹ Tanto no exemplo (115) como no exemplo (116) pode haver uma relação retórica de Narração mais global, dependendo da interpretação.

Como podemos observar, as linhas 13 a 15 do *corpus* (ver anexos) correspondentes às duas primeiras linhas de (117) são o problema e as linhas seguintes são a solução para o problema das linhas anteriormente mencionadas. Acrescenta-se que, “para que juntos averiguassem qual era a justa interpretação daquele texto antiquíssimo”, está ligado aos segmentos anteriores através de uma relação de **Resultado**. O Imperfeito do Conjuntivo ‘averiguassem’ localiza-se posteriormente a ‘convocou’ que se encontra no Pretérito Perfeito do Indicativo.

Outra relação retórica observada é a relação de **Narração**.

(118) Durante longos debates, durante trinta dias, os sábios estudaram e examinaram meticulosamente cada linha dos caracteres antiquíssimos. (Linhas 39-41)

(119) E ao trigésimo dia ergueu-se Negurat, arquivista-mor do templo da Lua, e disse: (...) Quando Negurat acabou de falar, levantou-se Atmad, arquivista-mor do palácio, e disse: (...) E quando Atmad acabou de falar, levantou-se o velho sábio Akki, que disse: (...) Então levantou-se Menchior e disse: (...). (linhas 42-43; 62-63; 79-80; 85)

(120) (...) Levantou-se Ken-Hur e disse: (...) Falou em seguida Amer, que disse: (...) E levantou-se depois o irmão de Amer, que disse: (...) E tendo terminado o debate, levantou-se Melchior, que disse: (...). (linhas 95-96; 104; 109; 118-119)

(121) E no trigésimo dia levantou-se Kish, que disse: (...). E falou depois Maro, que disse: (...). Falou em seguida Tot, e disse: (...). (linhas 128; 137; 152)

(122) Quando os pensadores se retiraram, Melchior levantou-se do trono e avançou até à mesa de pedra. Entre as grandes colunas que rodeavam o pátio, a placa de argila parecia extraordinariamente frágil e pequena. Mas o rei tocou com a sua fonte as letras quase apagadas. (linhas 174-178).

(123) Nessa noite, depois da Lua ter desaparecido atrás das montanhas, Melchior subiu ao terraço e viu que havia no céu, a Oriente, uma nova estrela. (linhas 179-181)

No exemplo (118), a locução adverbial ‘durante longos debates’ estabelece o intervalo temporal no qual decorrem as situações que se encontram no Pretérito Perfeito do Indicativo. Nesta interpretação, é possível haver uma sobreposição parcial dos eventos.

Os exemplos (119), (120) e (121) são bastante interessantes, pois, a partir deles, podemos observar não só a relação retórica de Narração entre os constituintes, mas também a um nível mais global. Assim, é visível a relação retórica de Narração nas situações ‘levantou-se e disse’, ‘e quando *x* acabou de falar, levantou-se *y* que disse’ e assim sucessivamente. Quando uma eventualidade acaba, começa imediatamente outra e isso repete-se várias vezes ao longo do texto. Este conjunto de micro relações de Narração forma uma grande relação de Narração. Ou seja, temos Narração dentro de Narração. Importa realçar que esta recorrência do ‘levantou-se e disse’ é sempre combinada com o Pretérito Perfeito do Indicativo, o que realça o facto de ser este tempo verbal promover o avanço da narrativa.

O exemplo (122) começa com uma frase temporal iniciada com ‘quando’ que, por ter o verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo, permite interpretar as frases seguintes que estão com o verbo no mesmo tempo, organizadas sequencialmente. Além disso, neste exemplo voltamos a ter presente o Pretérito Perfeito do Indicativo para narrar os acontecimentos, e, quando deixamos de ter esse tempo verbal para passarmos para o Pretérito Imperfeito do Indicativo, deixamos de ter avanço da narrativa e passamos a ter um comentário. É de notar que este comentário (“a placa de argila parecia (...)”) parece ser apresentado como da personagem Melchior e não da autora. Quando a utilização de Pretéritos Imperfeitos do Indicativo acaba, voltamos a ter Pretéritos Perfeitos do Indicativo e a narrativa volta a avançar.

Finalmente, no exemplo (123), voltamos a ter uma sucessão de Pretéritos Perfeitos do Indicativo que fazem a narrativa avançar e as situações acontecem na ordem em que são descritas no texto.

A relação temporal postulada na relação de Narração é de posterioridade entre a situação nova e a situação precedente. Ou seja, a situação nova segue temporalmente a situação anterior.

A próxima relação retórica a ser abordada é a relação de **Contraste**. Veja-se o seguinte exemplo:

(124) Então retiraram-se os letrados e o rei ficou no pátio, em frente da placa de barro, escutando o correr da água e o cair da noite. (linhas 122-124)

O contraste observado neste fragmento é feito lexicalmente (retirar/ficar), ou seja há um contraste entre a saída dos letrados e a permanência do rei no pátio. O tempo verbal utilizado nas situações “retiraram-se os letrados” e “o rei ficou no pátio” é o Pretérito Perfeito do Indicativo. Utiliza-se o gerúndio para especificar a atividade que o rei estava a desempenhar no pátio. Note-se que, apesar de o tempo gramatical utilizado ser o Pretérito Perfeito do Indicativo, não se infere a relação retórica de Narração, pois as situações não se sucedem umas às outras. Pelo contrário, há uma relação de sobreposição, mesmo que parcial, das eventualidades (o rei já se encontrava no pátio quando os letrados se retiraram).

Seguidamente, temos também a relação retórica de **Enquadramento**. Veja-se:

(125) Era o meio do Verão e o calor poisava pesadamente sobre os terraços cegos de sol. Nos jardins, as palmeiras roçavam umas nas outras, com um rumor metálico, as suas folhas afiadas e duras como serras. (linhas 24-27)

(126) Um fino murmúrio de água correndo nos tanques acompanhava os debates. Os escravos descalços circulavam em silêncio servindo vinho de tâmaras temperado com neve das montanhas. (linhas 29-32)

(127) E no trigésimo dia, ao cair da tarde, estando todos sentados em círculo e estando no meio do círculo a mesa de pedra sobre a qual estava poisada a placa de barro, levantou-se Ken-Hur e disse (...). (linhas 93-96)

(128) A cidade dormia, escura e silenciosa, enrolada em ruelas e confusas escadas. Na grande avenida dos templos já ninguém caminhava. Só de longe em longe se ouvia, vindo das muralhas, o grito de ronda dos soldados. (linhas 182-185)

(129) E sobre o mundo do sono, sobre a sombra intrincada dos sonhos onde os homens se perdiam tateando, como um labirinto espesso, húmido e movediço, a estrela ascendia, jovem, trémula e deslumbrada, a sua alegria. (linhas 186-189).

Como podemos notar através dos exemplos, o tempo verbal mais utilizado na relação de Enquadramento é o Pretérito Imperfeito do Indicativo, ou seja, tipicamente quando usamos o Pretérito Imperfeito do Indicativo temos uma relação de Enquadramento, pelo menos no texto em estudo. Em todos os exemplos há uma descrição do espaço circundante, há uma descrição de todo o ambiente em que as diferentes situações ocorrem. O pretérito Imperfeito do indicativo é tipicamente utilizado com estados ou com eventos, estativizando-os. Foi possível

verificar também que, nos vários excertos, a ocorrência deste tempo verbal induz uma leitura de sobreposição temporal (total ou parcial).

Finalmente, temos a relação retórica de **Resultado voluntário** de Mann e Thompson (1987). Segue-se um fragmento ilustrativo desta relação retórica:

(130) Nessa noite, depois de a lua ter desaparecido atrás das montanhas, Melchior subiu ao terraço e viu que havia no céu, a Oriente, uma nova estrela. (...) E Melchior deixou o seu palácio nessa noite. (Linhas 179-181; 190)

Este conto termina com um Pretérito Perfeito do Indicativo combinado com eventos. No entanto, nas linhas anteriores à frase “e Melchior deixou o palácio nessa noite”, há um conjunto de Pretéritos Imperfeitos do Indicativo que fazem a descrição do espaço no qual Melchior se encontrava. Como Melchior viu que surgia no céu uma nova estrela, então saiu do palácio de livre e espontânea vontade. O aparecimento da estrela foi a causa e o facto de o Melchior ter deixado o palácio foi o resultado.

Sumário

Neste ponto analisámos as relações retóricas presentes em fragmentos do conto ‘Melchior’ do livro *Contos exemplares* de Sophia de Mello Breyner Andresen. Para isso recorremos à proposta teórica de Asher e Lascarides (2003) e, quando pareceu necessário, recorremos também a Mann e Thompson (1987). A metodologia utilizada para analisar o nosso *corpus* foi determinar quais as relações retóricas encontradas nos fragmentos de texto em análise (a um nível mais global) e, sempre que necessário, também ao nível dos constituintes. Em seguida, descrevemos as relações retóricas encontradas no texto e exemplificámos com fragmentos do texto em análise.

As relações retóricas que encontramos foram as seguintes: Elaboração, Narração, Contraste, Enquadramento e Resultado (relações de Asher e Lascarides (2003)), Narração Invertida (cf. Cunha, Leal e Silvano (2008) e Alves (2002)), e Solução e Resultado Voluntário (relações de Mann e Thompson (1987)). No entanto, as que predominam no texto são as relações retóricas de Elaboração, Narração e Enquadramento.

Verificamos ainda que, tipicamente, quando se encontrava o Pretérito Perfeito do Indicativo, tínhamos presente a relação retórica de Narração. Nesses momentos a narrativa avançava, ou seja, a história desenrolava-se. Neste tipo de relação, há uma sucessividade de situações e estas localizam-se temporalmente umas a seguir às outras. Tipicamente, quando se encontrava o Pretérito Imperfeito do Indicativo, deparávamo-nos com a relação retórica de Enquadramento. Neste tipo de construções era como que se o tempo parasse quando a autora fazia a descrição dos espaços circundantes de cada momento.

No caso da relação de Elaboração, vimos que havia dois casos distintos: Elaboração em que são feitas descrições de uma situação e Elaboração em que são feitas descrições de uma entidade.

Vimos, igualmente, que havia durante todo o texto um jogo fundamental entre Narração e Elaboração intercalando com Enquadramento. Existe uma recorrência da expressão “levantou-se e disse” ao longo do texto que faz com que a Narração esteja sempre presente.

Conclusões

O objetivo geral desta dissertação foi determinar quais as relações retóricas e temporais existentes em fragmentos de um conto.

Pretendemos com este trabalho demonstrar que as relações retóricas e temporais contribuem para a coesão textual.

Antes de apresentarmos o enquadramento teórico que nos serviu de base para um tratamento semântico próprio, iremos explicitar quais as questões que nos guiaram ao longo desta investigação:

(i) Que fatores contribuem para que haja coesão de modo a entendermos que se trata de uma determinada sequência textual?

(ii) Qual a proposta teórica mais indicada para tratar as relações retóricas num conto?

(iii) Haverá tempos verbais e relações retóricas dominantes nos fragmentos em análise?

(iv) Será que as relações retóricas contribuem para um melhor entendimento das relações estabelecidas pelos tempos verbais?

De forma a encontrar respostas para estas questões, foi feito um enquadramento teórico organizado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, abordámos questões relacionadas com aspeto tendo em conta as principais teorias propostas para o tratamento das tipologias aspetuais. Dessa forma, focámo-nos em Vendler (1957), Dowty (1979), Moens e Steedman (1988) e Cunha (1998).

No segundo capítulo, centrámo-nos nas questões relacionadas com o tempo. Vimos que várias eram as abordagens deste fenómeno linguístico. No entanto, destacámos aquelas que achamos que eram essenciais para o presente trabalho, a saber: Reichenbach (1947), Comrie (1985), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993).

Tratadas as questões relacionadas com o tempo, reunimos as condições necessárias para passarmos ao capítulo seguinte, capítulo 3, que é direcionado para a sequência de tempos e as relações temporais. Tal como no capítulo anterior, várias são as propostas teóricas de

abordagem destas questões, mas como não podíamos abarcar todas, elegemos os autores mencionados no capítulo sobre o tempo: Reichenbach (1947), Declerck (1991) e Kamp e Reyle (1993), que também estudam a sequência de tempos, embora de forma diversa.

O último capítulo deste trabalho, capítulo 4, está dividido em duas partes. Numa primeira parte, apresentamos a caracterização das relações retóricas, baseando-nos nas seguintes propostas teóricas: relações de coerência de Hobbs (1985), RST de Mann e Thompson (1987), SDRT de Asher e Lascarides (2003), Cunha e Silvano (2009) e Silvano (2010). Na segunda parte, com vista a ver de que forma os conceitos anteriormente explicitados na primeira parte se podem aplicar a fragmentos textuais, procedemos à análise do *corpus*. O nosso *corpus*, como já foi mencionado, é constituído por fragmentos do conto ‘Melchior’. A tipologia aspetual utilizada foi a de Moens e Steedman (1988) e recorremos também às relações temporais de Declerck (1991). Para as relações retóricas, pareceu-nos que a proposta mais adequada seria a de Asher e Lascarides, (2003) recorrendo pontualmente a Mann e Thompson (1987).

Tendo em conta o trabalho realizado, podemos agora tentar responder, mesmo que parcialmente, às questões colocadas no início do nosso trabalho e proceder às principais conclusões:

(i) Que fatores contribuem para que haja coesão de modo a entendermos que se trata de uma determinada sequência textual?

São vários os fatores que contribuem para a coesão de um texto. Os que nos interessaram neste trabalho foram o tempo e o aspeto. Como vimos na análise do nosso *corpus*, os tempos verbais não surgem no texto aleatoriamente. Muito pelo contrário, são utilizados estrategicamente. O Pretérito Imperfeito do Indicativo, combinado com estados ou com eventos estativizando-os, é maioritariamente utilizado para descrever situações tal como se encontra na literatura. No entanto, verificou-se nos fragmentos em análise que é também utilizado para descrever entidades. Estas características permitem enquadrar a história no espaço e no tempo. Quanto ao Pretérito Perfeito do Indicativo (tipicamente combinado com eventos), é utilizado para fazer a narrativa avançar. A utilização destes dois tempos associados tipicamente a relações retóricas diferentes contribuem para a coesão do texto e funcionam

como pistas para que o leitor o possa interpretar.

(ii) Qual a proposta teórica mais indicada para tratar as relações retóricas num conto?

A proposta mais bem elaborada e a que melhor dá conta do maior número de propriedades das relações retóricas é a *Segmented Discourse Representation Theory* (SDRT), de Asher e Lascarides (2003), pois esta abordagem das relações retóricas inclui não só elementos linguísticos, como também elementos não linguísticos. Ou seja, esta teoria contempla vários componentes de natureza diversa, como seja o léxico, a semântica composicional, o conhecimento do mundo e os estados cognitivos dos interlocutores, integrando-os através da *glue logic* para determinar que relações retóricas estão presentes no discurso.

(iii) Haverá tempos verbais e relações retóricas dominantes nos fragmentos em análise?

Apesar de o nosso *corpus* ser de pequena dimensão e ser apenas um único conto, é possível observar algumas características: encontram-se várias sequências textuais no Pretérito Perfeito do Indicativo, combinado fundamentalmente com situações eventivas, que favorecem as relações retóricas de Narração. Por outro lado, encontram-se, também, muitas ocorrências do Pretérito Imperfeito do Indicativo combinado com estados ou com eventos, estativizando-os, estando essencialmente associado a relações retóricas de Enquadramento. Assim, as características linguísticas apresentadas confirmam a existência de sequências narrativas e também descritivas que são consideradas como muito relevantes para o género textual ‘conto’. Pensamos que haverá tempos verbais e relações retóricas predominantes, conforme a tipologia textual. Mas, obviamente, nenhum texto é puramente narrativo, descritivo ou outro. Para responder mais cabalmente a estas questões, precisamos de um *corpus* mais vasto e de uma análise mais aprofundada.

(iv) Será que as relações retóricas contribuem para um melhor entendimento das relações estabelecidas pelos tempos verbais?

É sabido que as relações retóricas estão intimamente relacionadas com as relações

temporais. Acreditamos que a relação entre estes dois mecanismos linguísticos é uma relação de dois sentidos: as relações retóricas contribuem para um melhor entendimento das relações temporais e vice-versa. Ou seja, quando dizemos “*a Maria acordou, tomou o pequeno-almoço e foi para a escola*”, podemos observar que há uma sucessão de eventos combinados com o Pretérito Perfeito do Indicativo e que as eventualidades descritas ocorrem, na linha do tempo, umas a seguir às outras. O TPpt é o momento da enunciação e há uma relação de anterioridade relativamente ao momento da enunciação. Ora, podemos observar ainda que estamos perante uma relação retórica de Narração que, como já vimos, é caracterizada por uma sucessão de situações que ocorrem na exata ordem em que são descritas no texto.

Uma sequência de Pretéritos Perfeitos do Indicativo está associada a Narração e também pode estar associada a relações de Elaboração, de Explicação e nessa medida as relações retóricas contribuem para compreendermos melhor qual a interpretação final de uma sequência que apresenta estes tempos verbais. Assim, tudo leva a crer que, para além de algum trabalho já realizado sobre fragmentos textuais, este estudo confirma a relevância da articulação de sequências de tempos com relações retóricas.

Considerando que o estudo realizado foi apenas a análise de fragmentos de um conto, as conclusões apresentadas são provisórias uma vez que é necessário analisar mais contos e é necessário contrastar com outros géneros textuais, como por exemplo a notícia, ou outros.

Assim, este trabalho é um pequeno contributo para uma investigação mais alargada que deve ser continuada.

Referências bibliográficas

Alves, A. 2002. *Sobre a Localização Temporal Adverbial Anafórica em Português*. Dissertação de Doutoramento. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Andresen, S. 2002. Melchior. *Contos exemplares*. Pp: 155-163. Porto: Caminho.

Asher, N; Lascarides, A. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: University Press

Comrie, B. 1985. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press. Retirado da World Wide Web: [https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=KmFMW40zyFcC&oi=fnd&pg=PR7&dq=comrie+\(1985\)+Tense.+Cambridge:+Cambridge+University+Press&ots=VFumCkKGWe&sig=35oE0zmypjNHEfmJnn3AOm0B2Rk&redir_esc=y#v=onepage&q=comrie%20\(1985\)%20Tense.%20Cambridge%3A%20Cambridge%20University%20Press&f=false](https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=KmFMW40zyFcC&oi=fnd&pg=PR7&dq=comrie+(1985)+Tense.+Cambridge:+Cambridge+University+Press&ots=VFumCkKGWe&sig=35oE0zmypjNHEfmJnn3AOm0B2Rk&redir_esc=y#v=onepage&q=comrie%20(1985)%20Tense.%20Cambridge%3A%20Cambridge%20University%20Press&f=false) a: 11/06/2015.

Cunha, L. 1998. Breve análise semântica de alguns operadores aspectuais do Português. In: *Actas do XIV Encontro Nacional da APL*. Pp:447- 462. Aveiro. Disponível em http://www.apl.org.pt/docs/actas-14-encontro-apl-1998_vol1.pdf. Acedido em: 17/07/2015.

Cunha, L; Leal, A; e M, Silvano. 2008. Relações Rétricas e Temporais em Construções Gerundivas Adverbiais. In: Oliveira F; Duarte, I. 2008. *O Fascínio da Linguagem. Actas do colóquio de homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Porto: CLUP/FLUP. Pp: 265- 276.

Cunha, L; Silvano, M. 2009. O papel das restrições aspectuais nas relações retóricas: o caso das frases complexas com quando. In: *Actas do XXIV Encontro Nacional da Apl*. Pp:239-250. Lisboa. Disponível em http://www.apl.org.pt/docs/24-textos-seleccionados/16-Cunha_Silvano.pdf. Acedido a: 17/07/2015.

Declerck, R. 1991. *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*, London and New York: Routledge.

Dowty, D. 1979. *Word Meaning and Montague Grammar. The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

Hobbs, J. 1985. *On the Coherence and Structure of Discourse*. Disponível em: <http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/prosjekter/sprik/pdf/ocsd.pdf>. Acedido a: 07/04/2015.

Kamp, H.; Reyle, U. 1993. *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Lascarides, A. and J. Oberlander. 1993. Temporal Coherence and Defeasible Knowledge, in *Theoretical Linguistics*, 19(1), Berlin, New York: Walter de Gruyter, 1-35.

Mann, W; Thompson, S.1987. *Rhetorical Structure Theory: A Theory of Text Organization*. California: University of Southern California

Moens, M. 1987. *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de Doutorado. Edimburgh: University of Edimburgh.

Moens, M.; Steedman, M. 1988. Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics*, 14:2. Pp: 15-28.

Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspecto. In: Mateus et alii. 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Reinchenbach, H. 1947. *Elements of Symbolic Logic*, London: Macmillan.

Ryle, G. 1949. *The concept of mind*. London: Hutchinson.

Ryle, G. 1953. *Dilemmas: the Turner lectures*. Cambridge: University Press.

Silva, P. 2005. *O Tempo no Texto*. Dissertação de Doutorado. Lisboa: Universidade Aberta.

Silvano, M. 2002. *Sobre a Semântica da Sequência de Tempos em Português Europeu. Análise das Relações Temporais em Frases Complexas com Completivas*. Dissertação de Mestrado. Minho: Universidade do Minho.

Silvano, M. 2010. *Temporal and Rethorical Relations: The Semantics of Sentences With Adverbial Subordination in European Portuguese*. Dissertação de Doutorado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Vendler. Z. 1957. Verbs and Times. *The Philosophical Review*, 66:2. Pp: 143-160.

Anexos

Melchior	
1	A placa de barro tinha passado de geração em geração, de
2	idade em idade, de mão em mão. Nela estava inscrito que ao
3	mundo seria enviado um redentor e que uma estrela se ergueria
4	no Oriente para guiar aqueles que buscavam o seu reino.
5	A placa era um pequeno rectângulo de argila, enegrecido
6	pelo tempo, de aspecto frágil, pobre e gasto. Era um prodígio
7	que tivesse atravessado, sem se perder, tantos séculos de ruínas
8	e opulências, saques, incêndios e guerras. Era um prodígio que
9	tivesse podido atravessar sem se perder a ambição, a violência,
10	a agitação e a indiferença dos homens.
11	Estava ali, no palácio, alinhada ao lado de milhares de pla-
12	cas que enumeravam vitórias, batalhas, massacres e riquezas.
13	Os seus caracteres estavam semiapagados pelo tempo e a
Página 155	
14	sua escrita era tão antiga que se tornava difícil decifrá-la com
15	exacto rigor. Muitas leituras eram possíveis.
16	Por isso o rei Melchior convocou três assembleias de sábi-
17	os para que juntos averiguassem qual era a justa interpretação
18	daquele texto antiquíssimo.
19	Primeiro vieram os historiadores, aqueles que tinham aprendi-
20	do toda a ciência das bibliotecas e que conheciam até ao me-
21	nor detalhe a escrita, a linguagem, os usos, os costumes, os
22	anais e os códigos dos tempos idos.
23	A assembleia reuniu-se durante um mês no palácio do rei.
24	Era o meio do Verão e o calor poisava pesadamente sobre os
25	terraços cegos do sol. Nos jardins as palmeiras roçavam umas
26	nas outras, com um rumor metálico, as suas folhas afiadas e
27	duras como serras.
28	Ao cair das tardes, os sábios sentavam-se em círculo no pá-
29	tio interior do palácio. Melchior presidia. Um fino murmúrio
30	de água correndo nos tanques acompanhava os debates. Os es-
31	cravos descalços circulavam em silêncio servindo vinho de tâ-
32	mara temperado com neve das montanhas.
33	O círculo de homens sentados descrevia uma área vazia e
34	no centro dessa área tinha sido colocada uma mesa de pedra
35	sobre a qual estava poisada a placa de barro. Parecia extrema-
36	mente pequena e insignificante, no meio de tanto espaço e opu-
37	lência, parecia um detrito das eras antigas que ali tinha sido
38	abandonado pelo tempo.
Página 156	

39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63	<p>Durante longos debates, durante trinta dias, os sábios estudaram e examinaram meticulosamente cada linha dos caracteres antiquíssimos.</p> <p>E no terceiro dia ergueu-se Negurat, arquivista-mor do templo da Lua, e disse:</p> <p>- Creio que a leitura que tu, ó rei, fizeste deste texto não é a verdadeira. Pois leste: « Ao mundo será enviado um redentor e uma estrela subirá no Oriente para guiar aqueles que buscam o seu reino.» Mas verdadeiramente é outra a significação deste texto antigo: assim, os caracteres onde leste «redentor» significavam, na remota era em que foi gravada esta placa, não «redentor» mas sim «grande rei»; e os caracteres onde leste «será» e «subirá» não exprimem formas verbais do futuro mas sim formas verbais do passado; e o verbo buscar não está no presente mas sim no pretérito perfeito; e onde leste «para guiar» deverá ser lido, de acordo com os métodos de decifração dos textos antigos, «guiando». Portanto, ó rei, ao contrário daquilo que julgaste ler, este texto não se refere ao futuro mas sim ao passado, e não anuncia o advento de nenhum salvador, mas antes glorifica as obras de uma grande personagem dos tempos idos. Assim a leitura correcta deste texto é, em minha opinião, a seguinte: «Ao mundo foi enviado um grande rei que como uma estrela dominou o Oriente guiando aqueles que buscaram o seu reino.»</p> <p>Quando Negurat acabou de falar, levantou-se Atmad, arquivista-mor do palácio e disse:</p> <p>Página 157</p>
64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79	<p>- Grande é a ciência de Negurat. Mas a interpretação da escrita antiga tem terríveis dificuldades. Não há dúvida que no texto apresentado devemos ler «grande rei» e não «redentor». No entanto, não concordo com aquilo que diz respeito às formas verbais: creio que o verbo ser e o verbo subir se encontram realmente no futuro. E também discordo da forma como foram lidas as palavras «guiar», «buscam» e «reino». E penso ainda que o verbo «subir» tem aqui o sentido de «dominar». De forma que, na minha opinião, a leitura correcta do texto é esta:</p> <p>« Ao mundo será enviado um grande rei que como uma estrela dominará o Oriente para engrandecer aqueles povos que aceitarem o seu poder.» Pois esta inscrição é de facto uma profecia, mas uma profecia que já foi cumprida. É evidente que o grande rei é o grande Alexandre que dominou todo o Oriente até ao reino de Pórus e que morreu, como sabeis, em Babilónia.</p> <p>E quando Atmad acabou de falar, levantou-se o velho sábio</p>

80	Akki, que disse:
81	- Admirei as sábias palavras que ouvi. Mas na verdade
82	a leitura deste antiquíssimo texto levanta tantas dúvidas e são
83	tantas as interpretações que podemos propor, que verdadeiramente,
84	ó rei, nada podemos concluir.
85	Então levantou-se Melchior e disse:
86	- Ide em paz e continuai os vossos estudos. Eu continuarei
87	a perguntar, a escutar e a esperar.
	Página 158
88	E no mês seguinte reuniu-se no palácio real a assembleia
89	dos letrados.
90	Melchior propôs-lhes as dúvidas e as interpretações dos
91	historiadores e durante trinta dias os letrados estudaram o texto.
92	
93	E no trigésimo dia, ao cair da tarde, estando todos sentados
94	em círculo e estando no meio do círculo a mesa de pedra sobre
95	a qual estava poisada a placa de barro, levantou-se Ken-Hur e
96	disse:
97	- A poesia não se exprime directamente. Ora o texto que
98	temos em nossa frente é um poema e por isso mesmo deve ser
99	tomado como uma metáfora que não se refere nem ao passado
100	nem ao presente nem ao futuro do mundo em que vivemos, mas
101	só ao mundo interior do poeta, que é o mundo da poesia sempre
102	voltado para o devir e para a esperança. Este texto não fala de
103	factos reais e apenas simboliza o espírito criador do homem.
104	Falou em seguida Amer, que disse:
105	- Este texto é um poema e coloca-se por isso à margem do
106	vivido. O poema não se refere àquilo que é, mas sim àquilo que
107	não é. Pois a natureza é uma caixa cheia de coisas da qual o
108	poeta extrai uma coisa que lá não está.
109	E levantou-se depois o irmão de Amer, que disse:
110	- Num poema não devemos buscar o sentido, pois o poema
111	é ele próprio o seu próprio sentido. Assim o sentido de uma
	Página 159
112	rosa é apenas essa própria rosa. Um poema é um justo acordo
113	de palavras, um equilíbrio de sílabas, um peso denso, o esplendor
114	da linguagem, um tecido compacto e sem falha que apenas
115	fala de si próprio e, como um círculo, define o seu próprio espaço
116	e nele nenhuma coisa mais pode habitar. O poema não
117	significa, o poema cria.
118	E tendo terminado o debate, levantou-se Melchior, que disse:
119	
120	- Eu vos agradeço as vossas palavras. Por mim, continua-

121	rei a buscar, a escutar e a esperar.
122	Então retiraram-se os letrados e o rei ficou sozinho no pá-
123	tio, em frente da placa de barro, escutando o correr da água e o
124	cair da noite.
	*
125	E no mês seguinte reuniram-se no palácio os homens sapi-
126	entes. Melchior propôs-lhes as dúvidas dos historiadores e dos
127	letrados e a nova assembleia deliberou durante trinta dias.
128	E no trigésimo dia levantou-se Kish, que disse:
129	- As multidões ignorantes curvam-se em frente dos ído-
130	los, mas aqueles que meditam conhecem a solidão do universo.
131	Que redentor poderemos esperar? O universo é como uma má-
132	quina bem regulada que sem princípio nem fim gira lentamente
133	através das idades e dos ciclos. Nas constelações e nas luas,
	Página 160
134	nos triângulos e nos círculos, encontrarás as leis dos números
135	que se cumprem e se cumprirão inexoravelmente. Que reden-
136	ção poderemos esperar?
137	E falou depois Maro, que disse:
138	- Os deuses que existiram extinguiram-se há muito e aquilo
139	que adoramos é apenas a cinza do divino. Qual é, na idade em
140	que vivemos, o homem que viu o anjo? Onde está aquele que
141	ouviu, com os seus ouvidos de carne, a palavra de Ísis ou de
142	Assur? Vivemos um tempo de viuvez e todas as coisas se torna-
143	ram cegas e surdas. Num mundo de injustiça e de desordem
144	tentamos sobreviver como animais perseguidos. Quebrou-se o
145	laço que nos ligava ao universo atento. Podemos bater com os
146	punhos na terra, podemos implorar com a cabeça tocando a
147	poeira. Ninguém responderá. Cegou o olhar que nos via e o
148	ouvido que nos escutava secou. Tudo nos é alheio como um
149	lugar que não nos reconhece. E o brilho dos astros impassíveis
150	cintila sobre a nossa tristeza. Quem pode esperar que uma es-
151	trela se mova?
152	Falou em seguida Tot, e disse:
153	- Nascemos para morrer. Toda a nossa esperança se resol-
154	verá em cinza. Onde está o homem que não morreu? O próprio
155	Alexandre, filho de Ámon, que estabeleceu o seu império des-
156	de o Egito até ao reino de Pórus, morreu miseravelmente nos
157	palácios da Babilónia. E no entanto a sua radiosa juventude
158	parecia mostrar a natureza de um Deus, e era tão grande a sua
	Página 161

159	perfeição que ninguém a podia julgar mortal. Quem poderia
160	acreditar que morresse o seu corpo equilibrado e liso como uma
161	coluna, a sua inteligência aguda e limpa como o sol, o seu olhar
162	direito que simplificava todas as coisas, o seu rosto brilhante
163	como um estandarte e a sua alegria invencível? Alexandre, prín-
164	cipe da Macedónia, filho de Ámon, maravilhamento dos po-
165	vos, conduziu o destino do homem a seus últimos limites, de
166	tal forma que nele todos julgaram que a natureza humana tinha
167	conquistado o divino. Mas Alexandre morreu no trigésimo ter-
168	ceiro ano da sua vida, no cimo da sua força e da sua glória, em
169	pleno esplendor da sua juventude. E assim os deuses nos disse-
170	ram que o homem não pode ultrapassar o seu destino, e que o
171	seu destino é um destino para a morte. Por isso, ó rei, que pode-
172	remos esperar? Nada pode modificar a condição do homem e
173	nesta condição não há lugar para a esperança.
174	Quando os pensadores se retiraram, Melchior levantou-se
175	do trono e avançou até à mesa de pedra. Entre as grandes colu-
176	nas que rodeavam o pátio, a placa de argila parecia extraordi-
177	nariamente frágil e pequena. Mas o rei tocou com a sua fonte
178	as letras quase apagadas.
	*
179	Nessa noite, depois da Lua ter desaparecido atrás das mon-
180	tanhas, Melchior subiu ao terraço e viu que havia no céu, a
181	Oriente, uma nova estrela.
	Página 162
182	A cidade dormia, escura e silenciosa, enrolada em ruelas e
183	confusas escadas. Na grande avenida dos templos já ninguém
184	caminhava. Só de longe em longe se ouvia, vindo das mura-
185	lhas, o grito de ronda dos soldados.
186	E sobre o mundo do sono, sobre a sombra intrincada dos
187	sonhos onde os homens se perdiam tacteando, como um labi-
188	rinto espesso, húmido e movediço, a estrela ascendia, jovem,
189	trémula e deslumbrada, a sua alegria.
190	E Melchior deixou o palácio nessa noite.
	Página 163